

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

STEFANNY INACIO ROLIM

MÚTIPLAS

Produto Jornalístico

Mariana

2019

STEFANNY INACIO ROLIM

MÚTIPLAS

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Lara Linhalis.

Mariana

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

**FOLHA DE APROVAÇÃO****Nome do autor****Título do trabalho**

Membros da banca

Lara Linhalis Guimarães - Doutora - Ufop
Michele da Silva Tavares - Doutora - Ufop
Adriano Medeiros - Doutor - Ufop

Versão final

Aprovado em 11 de dezembro de 2019

De acordo

Lara Linhalis Guimarães



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/12/2019, às 19:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0030173** e o código CRC **F3485F1D**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.204260/2019-68

SEI nº 0030173

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

À todas as mulheres, cada uma em sua beleza única.

AGRADECIMENTOS

Não posso evitar o clichê se foi a fé que me conduziu até aqui, por isso agradeço a Deus e a Nossa Senhora por me iluminar. Chegar até aqui só foi possível porque tenho meus pais como grandes exemplos de determinação e esforço. Nada que eu faça ou diga será suficiente para agradecer todo amor, apoio e força proporcionados por minha mãe. Agradeço a ela toda a disposição em me ajudar nesta produção e no afago nos momentos mais difíceis. Ao meu pai sou grata por sempre me incentivar a fazer aquilo que eu amo, resultando neste trabalho. Minha família é o meu bem mais precioso, sendo assim, agradeço às minhas tias Marisa, Luciana, Deusiana e aos meus avós Zé e Giné, por suas palavras de força e gestos de carinho e incentivo. Agradeço pelo amor incondicional do meu afilhado Miguel, do seu irmão Joaquim e da minha pequena amora que acalentaram meu coração neste processo árduo. Tive a sorte de ter o meu melhor amigo como companheiro, agradeço ao Mateus por tudo, sem ele este projeto não aconteceria, agradeço o empréstimo dos equipamentos, as caronas, a ajuda nas edições e principalmente agradeço todo o apoio, força, carinho e paciência. Sou infinitamente grata a União Brasileira de Mulheres de Ouro Preto, por me receber tão bem e me proporcionar a chance de conhecer mulheres fortes e suas histórias marcantes, dessa maneira aproveito para agradecer de todo meu coração às participantes deste projeto. Obrigada Débora Queiroz, Vânia Rodrigues, Sidnéia Santos, Líria Barros, Thaynara Martins, Vaneska Vianna, Cintia Soares e a sua mãe Célia por todo o tempo dedicado, pela paciência, pelo carinho, por abrir as portas de suas casas e corações para mim e esta produção. Agradeço às minhas grandes amigas Julia Massa e Glauciene Oliveira por dividirem comigo os passos dessa caminhada, sou grata a todos os momentos de desespero que viraram risadas, por compartilhar do tempo que nem tinham para me ajudar e por todo apoio. Por fim, mas não menos importante agradeço à minha orientadora Lara Linhalis, por compartilhar dos seus conhecimentos, por me apoiar e acreditar em mim, sou extremamente grata por tê-la em minha vida e sei que foi presente de Deus para fechar esse ciclo com chave de ouro.

“Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja nossa própria substância.”
Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho pretende abordar, por meio de um produto audiovisual, as vivências de sete mulheres em relação a padrões de beleza, pressão estética e representatividade midiática. Além disso, um manifesto a favor da diversidade da beleza e contra a pressão estética será interpretado pelas participantes. Para isso, o gênero documentário, nos modos poético, performático e participativo, será usado como forma de captar entrevistas e registrar a interpretação do manifesto.

Palavras-chave: Documentário; padrão de beleza; mulher; representatividade; manifesto.

ABSTRACT

This work intends to approach, through an audiovisual product, the experiences of seven women before the standards of beauty, aesthetic pressure and mediatic representation. In addition, a manifesto in favor of the diversity of beauty and against the aesthetic pressure will be interpreted by the participants. For this, a documentary, in poetic, performative and participatory modes, will be used as a way to capture interviews and record the interpretation of the manifesto.

Keywords: Documentary; beauty pattern; woman; representativeness; manifest.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
2 BELEZA EFÊMERA, MULHERES E CINEMA	11
2.2 O cinema: por entre ativismo e feminismo.....	15
2.3 O gênero documentário	17
3 CAMINHOS PERCORRIDOS	20
3.1 Da vida para a tela	28
3.2 Elementos do Roteiro	33
3.2.1 Ideia	33
3.2.2 Sinopse	33
3.2.3 Perfis das personagens.....	34
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE	42
Roteiro	42

INTRODUÇÃO

A padronização corporal é algo que sempre esteve presente na sociedade. Por ser caracterizada como referencial de beleza, esta padronização torna-se culturalmente almejada. Neste processo, o belo é efêmero e a busca pela beleza, eterna. Tendo em vista a crença, sentida na pele e na alma, de que vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, a realidade da mulher diante destes padrões se torna árdua, pois a pressão estética exercida sob estes corpos diversos é intensa. Na maioria das situações, a pressão estética aqui referida não acontece de forma explícita, levando a uma busca muitas vezes inconsciente por um corpo e aparência extremamente específicos e difíceis de alcançar, o que pode acarretar diversas consequências, como os distúrbios alimentares e as doenças mentais como, por exemplo, a depressão. A falta de diversidade na mídia hegemônica gera invisibilidade e até mesmo um repúdio social diante de corpos dissonantes do padrão hegemônico, condicionando atitudes e discursos preconceituosos que alimentam um sistema de privação de direitos destas pessoas.

A ideia do vídeo documentário “Múltiplas” nasce do desejo de desenvolver um material audiovisual que gere no público, em especial o feminino, uma identificação quanto às opiniões e experiências vividas por conta da pressão estética. Mulheres que de alguma maneira não se encaixam nos padrões colocados socialmente e que carregam consigo histórias de vida que envolvem visões outras sobre a beleza. A necessidade de abordar este assunto veio, em primeiro lugar, da relação negativa que possuía com meu próprio corpo que se transformou positivamente à medida que tive acesso a informações e materiais com novas perspectivas, especialmente de embasamento feminista. Dentre os materiais que tive acesso conheci o movimento *body positive*, que procura enxergar a todos os corpos de forma positiva independente de suas características distintas. A partir deste movimento pude conhecer e participar do coletivo *Eu gorda* da fotógrafa Milena Paulina, onde apenas mulheres gordas são fotografadas nuas ou seminuas, após compartilharem de seus sentimentos e vivências relacionados ao próprio corpo. Por meio dessa experiência desenvolvi um novo olhar para o tema que me forneceu a oportunidade de criar o trabalho aqui apresentado utilizando como ferramenta minhas grandes paixões: o jornalismo e o audiovisual.

O aprimoramento da ideia aconteceu no momento em que fui apresentada, através da minha orientadora Lara Linhalis, ao trabalho da cineasta Agnes Varda. Ao assistir o curta documentário *Réponse de femme* (Resposta das Mulheres, em tradução minha),

compreendi a grande flexibilidade de formatos um documentário possui, me interessando de forma especial no formato de viés ativista que pode ser desenvolvido, por exemplo, como um manifesto.

Este trabalho consiste na produção de um documentário que aborda as formas com que os padrões de beleza afetam a vida de sete mulheres de diferentes aparências e características. Para encontrar as sete mulheres aqui mencionadas utilizei de diferentes caminhos, um deles foi a *UBM – União Brasileiras de Mulheres de Ouro Preto*, uma entidade feminista que conheci através de uma amiga. Nesta entidade tive a oportunidade de mediar uma roda de conversa sobre padrões de beleza feminina, apresentar minha proposta de trabalho e fazer o convite às mulheres interessadas a participar. Neste dia encontrei duas das minhas fontes, entre elas a Débora Queiroz, presidenta da UBM, arquiteta, feminista e ativista da luta urbana e a Vaneska Vianna, filósofa de formação, miss plus size Ouro Preto 2018 e proprietária do café bar cultural Fellini. Por considerar de extrema importância a representatividade de diferentes mulheres neste produto, estendi o convite também a pessoas específicas que conheci através da UBM e no meio universitário. Entre elas estão: Cíntia Soares, estudante de jornalismo da UFOP, fotógrafa e pessoa com deficiência. Thaynara Martins, primeira mulher trans condutora socorrista da região e estudante de pedagogia na UFOP. Vânia Rodrigues arquiteta, fotógrafa e criadora do projeto Eu Sou Embaúba e Líria Barros, estudante de jornalismo e proprietária da pousada La Capela. Sidnéia Santos, atriz, negra, historiadora e pesquisadora do patrimônio afro ouro-pretano, participante na qual me inspirei para o nome deste trabalho, ao escutá-la afirmar: “Somos mulheres diversas, com corpos diversos e isso deve ser respeitado”, tornado o nome *Múltiplas* o pilar das multiplicidades envolvidas nas mulheres deste projeto, sendo elas de beleza, forma, estilo, classe social.

No decorrer deste memorial, apresentarei o aporte teórico utilizado para pensar o documentário, assim como irei indicar o modo como se deu o desenvolvimento desta pesquisa. Através de um breve apontamento histórico será possível compreender como a subjetividade da mulher se constrói mediante estes padrões estéticos disseminados ao longo do desenvolvimento da humanidade. São apresentadas também as formas como as mídias se relacionam com o tema e as possíveis consequências geradas em razão da padronização estética. Para uma melhor compreensão da escolha do formato documentário nesta produção, foram apontadas as diferentes variações do gênero. A pauta estendida elaborada no processo deste trabalho teve como base a produção de pré-roteiro trabalhada por Sérgio Puccini (2009) e Barry Hampe (1997). A estratégia metodológica utilizada na produção

tratada aqui teve como principal referência a pesquisa participante, mais especificamente a pesquisa-ação, que será aprofundada mais adiante. A escolha da metodologia foi feita baseada nos conceitos de Cicilia Peruzzo (2005), pois para a estudiosa a pesquisa participante prevê que o pesquisador possa ser um membro do grupo pesquisado ou, até mesmo, se inserir como um durante a pesquisa, se envolvendo com o grupo que na pesquisa-ação participa ativamente do processo, assim como ocorreu durante a feitura deste trabalho.

O documentário possui três linhas narrativas que se entrelaçam ao longo do vídeo: as entrevistas individuais feitas nos locais escolhidos pelas próprias entrevistadas, relatando sobre suas vivências e opiniões diante dos padrões de beleza; o encontro entre as participantes para um debate sobre diferentes assuntos acerca do tema beleza feminina e pressão estética, com o objetivo de fornecer material para o manifesto escrito por mim; e o próprio manifesto, recitado pelas participantes em gravações também individuais. Para compreender as narrativas citadas, foram apresentados os estilos narrativos e estéticos existentes e quais foram usados.

Entre os principais motivos da escolha pelo audiovisual, está a importância de difundir materiais neste formato e que deem visibilidade à temática abordada, visto que ainda é escassa no meio midiático. A produção deste trabalho se faz relevante ao levantar questões sobre a beleza feminina e seus padrões, trazendo representatividade e fomentando o debate crítico em torno do assunto. Pretende-se provocar para que o público crie seus próprios questionamentos e identificações com os conceitos sobre beleza apresentados nesta obra audiovisual documental.

2 BELEZA EFÊMERA, MULHERES E CINEMA

O aporte teórico apresentado neste capítulo foi de extrema importância no desenvolvimento deste trabalho, através de conceitos e teorias de diversos autores tive acesso a informações que se tornaram norteadoras no processo de elaboração do documentário. Entre os tópicos que serão apresentados está o contexto histórico da subjetividade da mulher relacionado aos padrões estéticos difundidos ao longo dos anos e suas consequências diante disso, juntamente as maneiras como as mídias se envolvem com o tema. Além disso, foram apontadas as relações entre cinema e feminismo e algumas das variações do gênero documentário.

2.1 A subjetividade feminina e a cultura da mídia

A origem da subjetividade, segundo Flávia da Silva (2009), está nas relações sociais do indivíduo quando o mesmo se apropria destas relações de forma única. Isso significa que apesar da subjetividade ser algo singular do sujeito, ela só existe através da relação do ser com o externo (SILVA, 2009, p 172). Para Georges Boris (2007), no processo de desenvolvimento da subjetividade do ser humano, o período histórico no qual ele se encontra é um grande agente influenciador, por isso ao longo de mudanças históricas, econômicas, socioculturais e políticas a subjetividade também sofre alterações. Através da cultura, padrões sociais como de comportamento, costumes e modelos de apreciação estética são determinados. Dentre estes agentes influenciadores, é importante destacar a mídia que, conforme Francisca da Silva (2015) relata, ao formatar a historicidade que perpassa e compõe o sujeito, por meio da ressignificação de imagens e palavras, torna-se uma das fontes mais efetivas de produção de subjetividades.

A distinção entre os conceitos de beleza e feiura, segundo Márcia Barros (2017), está envolvida nos processos de construção de subjetividades desde a antiguidade. É através destes conceitos que alguns padrões estéticos são definidos. Estes padrões são protagonistas no controle do comportamento feminino, a fim de manter o domínio masculino, de acordo com Naomi Wolf (2018). Para ela, “as qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável” (WOLF, 2018, p 31). Este controle se dá desde a infância, quando a mulher recebe orientações sobre sua aparência e comportamento. Desta maneira é possível perceber o conceito de feminino como uma construção social, assim como Simone de Beauvoir acredita:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p 9).

Dentre as orientações recebidas no desenvolvimento do que é ser socialmente uma mulher, estão englobadas ideais como o de domesticidade, maternidade, castidade e passividade feminina. Estas características, segundo Wolf (2018), perderam sua força durante a segunda onda do feminismo no início dos anos 1970, quando “as mulheres ocidentais conquistaram direitos legais reprodutivos, alcançaram a educação superior, entraram para o mundo dos negócios e das profissões liberais” (WOLF, 2018, p 25).

Por outro lado, é neste momento que os padrões de beleza se fortificam enquanto instrumentos de coerção social. Como acredita Virginia Leal (2010), se é mérito do movimento feminista libertar o corpo feminino “(...) de suas antigas prisões de procriação e de uso de uma indumentária restrita, hoje é exposto a coerções sociais redobradas em valores morais quanto à beleza estética” (LEAL, 2010, p 81). Para Mirian Goldenberg (2006), é neste momento que o corpo da mulher passa então a ser ainda mais objetificado e a beleza se torna um dever.

A produção de sentidos que emana da representação de alguns padrões de beleza se dá das mais diversas formas. Para Leal (2010), as práticas para alcançar um determinado corpo tem se tornado cada vez mais nocivas à saúde, como, por exemplo, os regimes alimentares radicais, o excesso de exercícios físicos que podem gerar lesões corporais, o uso de anabolizantes ou medicamentos para emagrecer e doenças psicológicas como distúrbios de imagem, bulimia e anorexia. De acordo com dados apresentados pela pesquisa *A Real Verdade Sobre Beleza: Segunda Edição*, realizada em 2017 pela empresa *Dove*, apenas 4% das mulheres de todo o mundo se considera bonita, enquanto 72% sente uma grande pressão para ser bonita.

O corpo que não se enquadra nos padrões sociais é tratado então como dissonante, indesejado e até mesmo assustador (FONTES, 2006, p 129). Por isso, Joana Novais afirma que:

Não é difícil perceber por que a feiura adquire um peso dramático na estética feminina, uma vez que o seu antagônico é fruto de constante obstinação e perseverança. A beleza da mulher deve ser apreciada nos detalhes; um mero descuido, um simples desleixo é o suficiente para a feiura nela aparecer. Um rele descascado no esmalte, uma maquiagem fora do tom, uma depilação por fazer, o uso de uma roupa fora das últimas tendências da moda ou uma raiz malfeita, são aspectos suficientes para fazerem surgir duras críticas à sua imagem. (NOVAIS, 2003, p 28).

E, dessa forma, assim como Boris (2007) afirma, a mulher se perde entre suas características reais e as idealizadas socialmente, ao ponto de acreditar que ao consumir um produto estará incorporando algo à sua personalidade. “O corpo que almeja sua singularidade é o mesmo que tenta negar a diferença e a alteridade.” (NOVAIS, 2003, p.10). A unicidade do ser humano é então colocada em questionamento diante das reflexões a respeito de como estes padrões se desenvolvem, pois “(...) ao padronizar o corpo, negamos a singularidade do detalhe. Reproduzir modelos já estabelecidos significa que o ser humano perde sua originalidade e as particularidades do seu modo de existência” (BORIS, 2007, p. 467). Logo, para Boris (2007), o pensamento crítico a respeito da idealização de corpo, aparência e comportamento é de grande importância na luta contra a proliferação destes modelos.

Como grande disseminadora desses conceitos e da idealização dos padrões está à mídia hegemônica. Além de promover, não raro, a manutenção do domínio masculino, a cultura midiática através da qual se sustentam, simbolicamente, esses meios de comunicação, desenvolve-se a partir de imperativos econômicos.

Portanto a mídia é uma manifestação cultural, criada não apenas com o objetivo de transmissão de informação, mas de influenciar intencionalmente não apenas o comportamento das mulheres, mas o dos homens também, interferindo na maneira de organizar a sua subjetividade e atingindo questões peculiares ao seu gênero, principalmente com relação à sua representação corporal. Destaque-se que nenhum produto que a pessoa possa consumir satisfará o seu desejo, pois é objetivo da publicidade sempre mantê-la insatisfeita, a fim de que consuma mais e mais. (BORIS, 2007, p.465).

A busca pelo corpo perfeito se torna um mercado. De acordo com Malu Fontes (2006), os discursos midiáticos, médicos e científicos que permeiam os padrões corporais possuem o mesmo objetivo: “Convencer o indivíduo a retirar o corpo do domínio da natureza e submetê-lo a artifícios técnicos visando a melhorá-lo, potencializá-lo e canonizá-lo” (FONTES, 2006, p 128). Para Leal (2010), o corpo idealizado é jovem e portador de medidas específicas, se tornando um ideal inatingível. Assim sendo, considerando o pensamento dos referidos autores, as múltiplas realidades da mulher carecem de atenção midiática adequada. No geral, os estereótipos predominantes no imaginário social são reforçados cotidianamente nas telas e nas ruas, afirma Emersom Ramos (2014). O que nos leva a compreender que:

Apesar de ocuparem cada vez mais os postos de trabalho e tornarem-se crescentemente chefes de família, poucas vezes elas são devidamente retratadas.

As mulheres operárias, as mulheres lésbicas, as mulheres negras, entre outras, são invisíveis às lentes da mídia. Quando raramente exsurtem, são normalmente vistas de forma inferior às demais mulheres, e, principalmente, aos homens. (RAMOS, 2014, p 18)

Apesar de a mídia funcionar em sua grande parte como instrumento de suporte ideológico do pensamento hegemônico, para Douglas Kellner (2001), a cultura veiculada pela mídia que influencia no conformismo da sociedade a respeito destes pensamentos é a mesma que fornece ferramentas para fortalecer a oposição diante dos mesmos. Laércio Góes (2007) defende a existência de uma corrente que Kellner entenderia como a oposição mencionada. Para ele, as mídias em geral podem ser entendidas também como “lugares de produção de estratégias que objetivam reformular o processo social” (GÓES, 2007, p 4). Entre as diversas mídias existentes, sobressai neste contexto a chamada por Góes (2007) de “mídia alternativa”. Dentre as ferramentas desta mídia está a internet, que “Tornou-se o palco da luta contra hegemônica, onde movimentos insurgentes, sociais, políticos e culturais encontraram para se legitimar e alcançar suas bases sociais, fazendo reconhecer globalmente suas ações” (GÓES, 2007, p 6). No movimento feminista, afirma Ariane Langner (2015), a utilização da internet pode ser compreendida como um exemplo do uso destas mídias, que diante das transformações tecnológicas e organizacionais viu a oportunidade de expansão de seus ideais.

Nascendo da insatisfação de representações pouco plurais a respeito do corpo feminino, Marilda Fonseca (2018) conta que Connie Sobczak e Elizabeth Scott criaram nos anos 1990 o movimento *Body Positive* (Positividade Corporal), que no ano de 2018 ganhou um espaço online com a plataforma educacional *The Body Positive Institute*, disponibilizando cursos e treinamentos para pessoas que desejam melhorar seu relacionamento com o corpo (SITE The Body Positive Institute, 2019). É também em 2018 que o movimento ganha destaque no Brasil, quando é lançado o livro “Pare de se Odiar: Porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário” da ativista e jornalista Alexandra Gurgel (SOUZA, 2019, p 27). Ainda de acordo com Fonseca (2018), o movimento abrange questões individuais e sociais a respeito do corpo, contribuindo para um processo particular de auto aceitação corporal e abordando temas de nível coletivo como a acessibilidade a todos de lugares públicos e a representatividade da diversidade dos corpos. Segundo Carol Souza (2019) o movimento vem crescendo nas redes sociais por meio de *hashtags*, principalmente na mídia social *Instagram*, no qual fotografias recebem legendas com *hashtags* que identificam as questões corporais. Thais Schultheisz (2015) acredita que os

assuntos tratados pelo *Body Positive* influenciam na autoestima, visto que ambos estão diretamente ligados à questão da autoimagem. A manifestação da autoestima, quando positiva, gera confiança e instiga o valor pessoal, podendo ser “[...] considerada um importante indicador da saúde mental por interferir nas condições afetivas, sociais e psicológicas dos indivíduos. Interfere, portanto, na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida da população em geral.” (SCHULTHEISZ, 2015, p 37). Diante de todo esse novo processo de compreensão da diversidade de corpos, tem crescido a cobrança por parte das mulheres para que materiais mais representativos tenham espaço nas variadas mídias. De acordo com Raquel Silva (2018), a publicidade é um dos locais midiáticos em que tem surgido estratégias com vistas à representatividade dos corpos, a exemplo da *femvertising*, uma junção das palavras em inglês *feminism* (feminismo) e *advertising* (publicidade). A ideia foi criada pela diretora executiva e de marketing da plataforma “*SheKnows*”, que, segundo Ana Paula Heck (2016), definiu a modalidade publicitária como ferramenta de empoderamento de mulheres.

2.2 O cinema: por entre ativismo e feminismo

Antes mesmo de a publicidade reconhecer as demandas e as necessidades de produções que abordem este tipo de tema, já em 1970, produções cinematográficas e documentais de cunho feminista desenvolviam críticas em torno da representação do gênero feminino, declara Ana Maria Veiga:

Com teorias que passaram pela psicanálise, pela semiótica, teorias sobre representação e ideologia e debates sobre o essencialismo, entre outras possibilidades, essa crítica colocaria em xeque a situação das mulheres dentro do contexto dos “novos cinemas” que se espalhavam pelo mundo, sendo que muitas delas assumiram a carreira de cineastas e o cinema como ferramenta política. (VEIGA, 2017, p 1355)

Durante o final dos anos 80 e início dos anos 90, a crítica teórica do cinema sobre o conceito de gênero ganhou mais destaque através da escritora Teresa De Lauretis, que utilizava o termo “tecnologia de gênero” ao denunciar a problemática das produções (VEIGA, 2017, p 1355). A escritora feminista bellhooks (pseudônimo de Gloria Jean Watkins), neste mesmo contexto histórico, desenvolvia apontamentos sobre a representação das mulheres negras e pobres no cinema que, para “[...] hooks estavam lançadas as bases da interseccionalidade no campo da teoria cinematográfica, agregando classe, geração e localização às categorias gênero e raça” (VEIGA, 2017, p 1355). Já a teoria feminista do cinema, de acordo com Giselle Gubernikoff (2009), tem sua gênese no período dos anos 70

a partir do posicionamento teórico de um grupo de pesquisadores britânicos e norte-americanos que desenvolveram uma nova linha de pesquisa relacionada à representação da mulher no cinema.

Segundo Rosana Kamita (2017), um dos principais objetivos da teoria feminista do cinema é o de subverter o suporte histórico do cinema em relacionado à mulher, apresentando uma nova forma de enxergar a linguagem cinematográfica. Isto é:

Quando a mulher se posiciona atrás das câmeras, muitas vezes sua intenção é justamente essa, imprimir uma nova ótica da representação de homens e mulheres que não se restrinja aos parâmetros ainda muito próximos a uma sociedade tradicional. O que muitas se propõem é estabelecer a construção de um olhar cinematográfico em bases diversas, originadas de uma nova forma de pensar as relações de gênero. Isso equivale a dizer que muitas cineastas optam por um contra cinema, subsidiado por linhas teóricas que apoiem essa nova perspectiva. (KAMITA, 2017, p 1394)

Desta maneira, as cineastas que priorizam as temáticas que questionam o papel feminino, conseqüentemente contribuem na reflexão de gênero (KAMITA, 2017, p 1396). Dentre as cineastas envolvidas com o movimento feminista, segundo Tatiana Levin, está Agnès Varda, percussora de um estilo de filme e produção inovadores para a época. Suas produções feministas, de acordo com Levin (2011) foram o longa *Uma Canta, a Outra Não* (*L'Une Chante, l'AutrePas*, 1976) e o curta *Resposta de Mulheres* (*Réponse de Femmes*, 1975), grande inspiração para a realização do documentário aqui apresentado. A cineasta chamou atenção no seu desenvolvimento de criação que interferia em todo processo de produção. “É característica dessa realizadora usar os recursos narrativos com liberdade, desafiando frequentemente as fronteiras entre ficção e documentário.” (LEVIN, 2011, p 8). Levin (2011) afirma ainda que Varda trouxe com o seu trabalho uma nova proposta de documentário, diferente do convencional, com narrativas que defendem o olhar autoral.

As produções audiovisuais feministas possuem grandes chances de se enquadrar em modelos de vídeo ativismo. Isso porque o estilo, assim como afirma Denis Renó (2015), pode ser compreendido como qualquer material audiovisual que tenha o propósito de modificar a sociedade, destacando-se por conta da capacidade em colaborar no desenvolvimento da opinião pública, superando as imposições estéticas muitas vezes colocadas pela indústria cultural. O vídeo ativismo é considerado ainda, de acordo com Kely Carvalho (2012), uma ferramenta de protesto, formada por um sentimento de intervenção que se mescla ao propósito de certos estilos de documentário.

2.3 O gênero documentário

Para Bill Nichols, todo filme é um documentário, no entanto dividido em dois tipos: o de satisfação de desejos e o de representação social onde as narrativas e histórias são de tipos diferentes. “O primeiro tipo trabalha com a imaginação, sendo conhecido como ficção, e o segundo é o que pode ser classificado como não-ficção, carregando a nomenclatura oficialmente reconhecida como ‘documentário’ por lidar com um mundo tangível, compartilhando com o espectador” (LEVIN, 2011, p 78).

O documentário desenvolve novas visões do mundo (NICHOLS, 2005, p 27), sendo para Puccini (2009) um resultado criativo do cineasta. Nichols (2005) afirma que o estilo cinematográfico possibilita representar o mundo ao defender uma ideia ou ponto de vista de forma diferenciada:

[...] os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneira que eles próprios não poderiam; os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões. (NICHOLS, 2005, p 30).

Esta forma de trabalho leva o documentarista a não só reproduzir uma realidade, indo além ao representá-la com uma visão que nunca tenha sido explorada (NICHOLS, 2005, p 47). A premissa de que o gênero se desenvolve e modifica ao longo do tempo, leva a compreender que o documentário não permanece estático em seu estilo, havendo diferentes modos do mesmo (LEVIN, 2011, p 68). Nichols (2005) identifica seis modos através dos quais o documentário busca representar o real: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modo poético tem como característica a ruptura com a montagem fílmica em sequência temporal, associando e desenvolvendo padrões que possuem ritmos temporais e se justapõem espacialmente (NICHOLS, 2005, p 138). “Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas. O elemento retórico continua pouco desenvolvido.” (idem, p 138). No modo expositivo as imagens possuem papel secundário no documentário, tendo função de ilustrar, contrapor ou elucidar o que é dito. (NICHOLS, 2005, p 142). Segundo Nichols (2005), o modo expositivo é dependente das informações passadas verbalmente, se dirigindo diretamente ao expectador com legendas e vozes que contribuem para a montagem de uma estrutura retórica através de fragmentos históricos.

Existe também o modo observativo, que tem como principal característica a observação espontânea. De acordo com Levin (2011), esta forma de produção não utiliza recursos complementares como voz-over, entrevistas ou músicas como trilha sonora.

Assim, os documentários observativos legam ao espectador um papel ativo no sentido de que eles mesmos tomem suas conclusões. A postura autoritária expositiva é atenuada com a ausência de uma argumentação forte costurando as cenas captadas, diante dos desdobramentos dos acontecimentos observados numa espécie de “buraco da fechadura”. (LEVIN, 2011, p 83)

No modo participativo, por outro lado, o documentarista vai a campo a fim de vivenciar o processo documentado (NICHOLS, 2005, p 153). Ao fazer isso o cineasta se torna ator social do seu próprio trabalho, desenvolvendo uma intervenção ativa na produção (LEVIN, 2011, p 83). Relatos diferentes são unificados em uma só história através das entrevistas, onde, segundo Nichols, “A voz do cineasta emerge da tecitura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem.” (NICHOLS, 2005, p 160).

De acordo com Levin (2011), o modo reflexivo faz com que o espectador crie consciência de que o material assistido é um filme (e não um espelho de uma realidade), levando-o a desconfiar da representação desenvolvida. Além disso,

[...] tenta reajustar as suposições e expectativas de seu público e não acrescentar conhecimento novo a categorias existentes. Por essa razão, os documentários podem ser reflexivos tanto da perspectiva formal quanto política. (NICHOLS, 2005, p 166).

Por fim, temos também o modo performático, que se dirige ao espectador de forma emocional e significativa (NICHOLS, 2005, p 171). Nele uma ponte entre o pessoal e o geral é feita considerando que “[...] o primeiro pode acrescentar ao segundo, fundando, dessa forma, uma espécie de ‘subjetividade social’” (LEVIN, 2011, p 86). O documentário performático, para Nichols (2005), é semelhante ao cinema experimental, entretanto dá-se maior reconhecimento à sua dimensão expressiva.

Assim como a estética feminista pode empenhar-se para deslocar o público, independentemente de seu sexo e de sua orientação sexual, para a posição subjetiva do ponto de vista de um personagem feminista sobre o mundo, o documentário performático busca deslocar seu público para um alinhamento ou afinidade subjetiva com sua perspectiva específica sobre o mundo. (NICHOLS, 2005, p 171)

As diferentes estruturas documentais apontam para a complexidade da produção do gênero, sendo necessário preparação e estudo para a realização de um bom material. Para isso é importante que a estrutura metodológica do trabalho seja bem escolhida de acordo com as condições, desejos e necessidades do documentário e do documentarista. Para alcançar os módulos identificados como poético, performático e participativo foi utilizada a metodologia apresentada a seguir.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS

Para alcançar os resultados apresentados no produto final deste trabalho, foram utilizadas algumas estratégias metodológicas. A pesquisa participante foi uma das ferramentas a qual utilizei, pois através dela pude me inserir como pesquisadora no ambiente natural das entrevistadas, levando em consideração que este estilo de pesquisa implica no envolvimento do investigador na situação pesquisada com o objetivo de observar as coisas de dentro (DUARTE, 2005, p.126).

Este tipo de pesquisa, assim como Cicilia Peruzzo (2005) menciona, possui aplicação em muitas áreas, como a sociologia, o serviço social, a antropologia e a administração. Na comunicação social, a metodologia da pesquisa participante passou a se destacar nos estudos em 1980, através da influência de publicações das áreas de sociologia e educação, se tornando hoje uma das pesquisas mais utilizadas na comunicação social (DUARTE, 2005, p.127).

Algumas finalidades levam à escolha desta metodologia nos trabalhos de comunicação, como, por exemplo, a observação de fenômenos ligados ao desenvolvimento social, a realização de estudos sobre a receptividade de conteúdos midiáticos e o retorno do processo e do resultado da pesquisa aos grupos pesquisados para utilização em benefício dos mesmos (DUARTE, 2005, p.131), destacando a última finalidade como uma das principais neste trabalho. Assim, como Cicilia esclarece, “Os pesquisadores se interessam em fazer algo diferente, em realizar pesquisas que possam contribuir com a sociedade, especialmente para solucionar graves problemas provenientes das contradições de classe e para promover a mudança social” (DUARTE, 2005, p.130).

Para Cicilia Peruzzo, existem ainda três modalidades em que a pesquisa participante se desdobra levando em conta os objetivos do pesquisador. Na observação participante o pesquisador vivencia a realidade da pesquisa com o cuidado de não se mesclar como integrante do grupo, ou seja, ele apenas observa sem interferir ou permitir interferências em sua pesquisa. Já na pesquisa participante em si, o pesquisador tem a possibilidade de ser um membro do grupo ou se inserir como um durante o processo da pesquisa, interagindo com o grupo pesquisado que tem conhecimento dos objetivos do pesquisador e que aceitou previamente participar da pesquisa. Além disso, como já mencionado como finalidade deste trabalho, o pesquisador assume o compromisso de devolver os resultados aos pesquisados. Por fim, a modalidade que assume o diferencial neste projeto é a pesquisa-ação, que possui todas as características da pesquisa participante com o adendo do grupo investigado participar ativamente da pesquisa, se envolvendo na discussão dos resultados e colaborando

com os objetivos (DUARTE, 2005, p.138), assim como ocorreu no processo de pesquisa aqui relatado, onde as participantes, durante um encontro coletivo, puderam discutir o desenvolvimento do trabalho e contribuir na redação de um manifesto a favor das singularidades, o que fora incluído na narrativa do documentário aqui apresentado, como poderá ser apreciado a partir do roteiro final, mais à frente.

As entrevistas realizadas com o grupo pesquisado foram um dos principais pilares para o resultado do trabalho, sendo elas desenvolvidas através de técnicas com foco no objetivo desejado. Para Jorge Colognese a entrevista é um processo de interação social no qual se obtém informações do entrevistado com o objetivo de esclarecer questões. As técnicas de entrevista possuem algumas variações, como por exemplo a entrevista não-diretiva, que tem um propósito exploratório, sem grandes interferências do entrevistador (COLOGNESE, 1998, p. 144), assim como foram realizadas as pré-entrevistas que forneceram informações para o desenvolvimento das questões da entrevista principal. Já a entrevista padronizada exige o uso de um roteiro com perguntas previamente feitas e sequencialmente determinadas, o que dá ao entrevistador menos liberdade (COLOGNESE, 1998, p. 144). A entrevista semi-diretiva, assim como Colognese (1998) afirma, tem grande parte das perguntas previstas antecipadamente de forma que o entrevistador possa seguir um roteiro, contudo o mesmo possui liberdade para desenvolver novas perguntas durante a entrevista permitindo uma participação mais ativa do entrevistado, sendo esta a técnica por mim escolhida na realização das entrevistas, permitindo uma proximidade com as entrevistadas à medida que se assemelhava a um diálogo.

As técnicas de entrevistas podem ser divididas também em oral ou escrita, individual ou grupal e formal e informal (COLOGNESE, 1998, p. 146). Para este trabalho foram utilizadas as técnicas da entrevista oral, levando em conta o seu destaque em projetos audiovisuais e as técnicas da entrevista individual para maior aproximação e aprofundamento de cada entrevistada. As técnicas formais e informais também foram executadas, considerando a pré-entrevista como informal por ter tido o objetivo de preparação para a entrevista principal que foi realizada formalmente de acordo com os conceitos de Colognese (1998), que a define como uma entrevista para coleta de informações e que tem a necessidade da elaboração de um roteiro.

A elaboração de perguntas para o roteiro deve conter todos os tópicos e questões possíveis (COLOGNESE, 1998, p. 147). Para o autor (1998), existem dois estilos de roteiro: o específico, que se assemelha a um questionário e pode ter a forma de um documento escrito com objetivo de análises mais quantitativas, e o contextual, o modelo

utilizado nas entrevistas deste trabalho, sendo formado por tópicos organizados de forma lógica, levando em consideração as problemáticas da pesquisa.

Além da metodologia de pesquisa, estratégias da linguagem audiovisual foram utilizadas para chegar aos resultados desejados nesta produção. Dentre as estratégias citadas está a escolha da iluminação, que de acordo com Érika Duran (2010), possui diferentes estilos como a luz principal que funciona como a luz solar, ou seja, desenvolvem sombras perceptíveis. Existe também a luz de preenchimento, que ilumina as áreas sombreadas sem pôr fim às sombras por completo, fazendo o papel apenas de realçar detalhes; a contra luz, que ilumina o ponto de destaque por trás, proporcionando profundidade à imagem e, por fim, a luz de cenário, que ilumina o cenário em si. Dentre estas luzes apresentadas, a principal foi a única utilizada nas filmagens do documentário aqui trabalhado. No entanto, cada entrevista trouxe uma fonte diferente de luz principal, como por exemplo a solar ou da própria lâmpada contida no cenário. A escolha foi feita visando à naturalidade das locações escolhidas pelas entrevistadas. Apenas nas gravações do manifesto foi utilizada uma luz específica, sendo a de led em posição frontal às participantes, ainda trabalhando como a luz principal, em um cenário de fundo completamente preto, com o objetivo de destacar as expressões das mulheres em foco.

O posicionamento das câmeras nas gravações também implicou escolhas diante do desejo do que transmitir. Duran (2010) dimensiona a composição fílmica em seis momentos, sendo eles: a movimentação panorâmica, onde a câmera não se desloca, somente gira em um eixo específico; o zoom, que com a objetiva fornece diferentes ângulos; a posição da câmera objetiva, que trabalha na mesma posição do observador normal; a posição de câmera subjetiva que se desenvolve no olhar de um dos personagens; e a posição de campo e contra campo, empregado no uso de diálogos com dois personagens, se tornando mais dinâmico (DURAN, 2010, p. 26). Dentre os momentos citados, na produção deste trabalho a câmera foi posicionada no modo câmera objetiva, a fim de transmitir a imagem como de alguém que presencia as ações na cena, ou, como já mencionado, na posição do observador normal, nos momentos do encontro entre as participantes. Além do modo câmera objetiva, foi utilizada também o modo zoom e panorâmico, com o intuito de apresentar mais sobre o cenário.

O enquadramento nos trabalhos audiovisuais amplia e reduz o campo espacial apresentado, promovendo uma produção rítmica (DURAN, 2010, p 27). Existem diversos planos que podem contribuir com o que é desejado transmitir e revelar em determinada cena. Entre estes planos, Duran (2010) explica que estão o plano geral, com um amplo

campo de visão que funciona como descrição do cenário; o plano conjunto, que tem um campo de visão menor de maneira que se aproxime um pouco mais dos personagens, funcionando como descrição da cena; o plano meio conjunto, o qual funciona como narrativo e descritivo ao permitir o reconhecimento dos personagens; o plano médio, que também funciona como narrativo ao expor os personagens de corpo inteiro; o plano americano, que dá maior atenção aos personagens do que ao cenário, os enquadrando da cintura à cabeça. Existe também o plano italiano, que permite ao espectador notar o estado emocional do personagem ao enquadrá-lo na altura do busto; o primeiro plano, que foca nas expressões faciais ou ações específicas em imagens que ocupam toda a tela; e, por fim, o primeiríssimo plano, que apresenta apenas detalhes extremamente próximos, como os olhos em movimento, fazendo com que a cena se torne impactante ou emocional (DURAN, 2010, p 28).

Muitos dos enquadramentos apresentados foram utilizados no desenvolvimento do documentário apresentado aqui. Para as entrevistas, os planos americano e italiano, como Duran (2010) os chama, foram os principais. A escolha foi feita para que a imagem do cenário se tornasse apenas um complemento do verdadeiro foco: as entrevistadas. Nos momentos do encontro entre todas as entrevistadas, os planos utilizados foram mais diversificados por conta da dinâmica do evento. Por isso, planos como o geral e o conjunto tiveram grande utilidade na apresentação do local do evento, a fim de situar o espectador e apresentar as participantes no ambiente. Além dos já citados, os planos americanos, italiano e primeiro foram usados para dar ênfase nas participantes e no cenário em diferentes momentos. Na gravação do manifesto, o primeiríssimo plano foi utilizado, pois o objetivo era centralizar a atenção para as expressões das participantes, gerando impacto visual e emocional na cena.

A montagem do documentário é de extrema importância na organização da narrativa e a escolha de como fazê-la proporciona novas dimensões temporais e espaciais ao filme (DURAN, 2010, p 29). A montagem narrativa dispõe de quatro modos: o linear, que funciona com cenas de forma lógicas e cronológicas; o alternado, que usa de cenas alternadas de forma paralela; o invertido, desenvolvido por meio de regressões temporais; e o paralelo, que usa em uma mesma cena diferentes ações que ocorrem de forma simultânea (DURAN, 2010, p 30). Na produção aqui referida, a montagem proporcionou a criação de três narrativas que se entrelaçam durante todo o documentário: as entrevistas, o encontro entre as entrevistadas para a produção do manifesto e o próprio manifesto. Para isso foi utilizado o modo paralelo durante as trocas de câmeras em uma mesma entrevista; o

alternado nos momentos do encontro onde foi possível mostrar em diferenças cenas o que acontecia; e, no geral, o modo linear teve seu uso aplicado ao apresentar ao fim o manifesto como resultado em conjunto das narrativas anteriores. Durante o processo de produção relatos de campo foram escritos para o acompanhamento do desenvolvimento prático sobre os conceitos metodológicos, como pode ser visto a seguir.

Relato de campo

- Encontro com Sidnéia

Sidnéia foi minha primeira entrevistada para o trabalho, senti um frio na barriga muito grande enquanto preparava tudo para iniciar a gravação. Gravamos na Mina do Veloso, para alguns o local poderia não fazer sentido. Já para Sidnéia a Mina do Veloso e o bairro onde ela está localizada, contam a história do seu povo desde os negros escravizados até os moradores atuais do lugar. Fizemos a entrevista em um espaço aberto, logo na entrada do túnel que dá para a mina. No espaço, em um dos bancos duas funcionárias se espremiavam em uma fresta de sol, um cheiro de incenso tomava conta do lugar. Eu havia preparado algumas perguntas para fazer, mas deixei claro que aquele momento deveria ser visto como uma conversa onde ela se sentisse confortável para dizer e trazer os assuntos que acreditava serem pertinentes. A entrevista fluiu muito bem, Sidnéia além de dividir de suas experiências pessoais, trouxe com muita pertinência o contexto histórico do negro, em especial das mulheres negras. Senti como se estivesse tendo uma aula, foi um momento de grande aprendizado para mim. Após a entrevista, pude conhecer a mina por dentro, Sidnéia parecia conhecer a história de cada cantinho daquele lugar como se tivesse vivido naqueles tempos, a sua propriedade e maneira de falar me enchiam os olhos e eu só conseguia pensar “que mulher incrível”.

- Encontro com Cintia

Antes mesmo de finalizar a primeira etapa de escrita do meu trabalho de conclusão de curso, Cintia já havia se tornado uma grande amiga. O dia da sua entrevista foi para mim apenas mais uma visita a sua casa para conversar. Fui recebida como todas as outras vezes, por sua mãe Célia e sua cachorra branquinha. Cintia já me aguardava em seu quarto. Durante a montagem dos equipamentos conversamos sobre muitas coisas, sobre o jornalismo, a universidade e sobre nossas experiências e expectativas. Sempre damos boas risadas em nossos encontros. Devido a sua experiência como palestrante e entrevistada, Cintia agiu com grande naturalidade ao ser filmada. A entrevista aconteceu de forma tranquila. Ao final sua mãe pediu autorização para que também fizesse uma pergunta a

Cintia. “Você já desejou não ter nascido do jeito que é?”, a pergunta me pegou de jeito, fiquei atenta a resposta, refletindo em como essa era uma questão que poderia ser perguntada a qualquer mulher do mundo. Cintia sempre me surpreende com a clareza que tem, respondeu a pergunta sem nem pensar duas vezes: não.

- Encontro com Thaynara

Em uma manhã de sol acanhado, aguardava Thaynara chegar em um dos banquinhos do ICHS. Estava empolgada e ansiosa para nossa entrevista, sabia que ela traria uma perspectiva diferente de tudo que já tinha ouvido. Então ela chegou, como cena de filme desceu de sua moto, retirou o capacete e arrumou seus cabelos. Foi a própria Thaynara que escolheu o local onde queria ser gravada, que segundo ela era um lugar bonito e calmo para a nossa conversa. Na sombra das árvores, sentamos em um banquinho e iniciamos nossa conversa. Uma longa conversa onde Thaynara dividiu histórias desde sua infância até os dias atuais. Optei em deixá-la à vontade para desenvolver suas respostas levando o tempo que quisesse, e assim novas informações foram surgindo sem que eu nem precisasse perguntar. Ela parecia bem feliz naquele momento, o que me fez sentir um grande alívio e acreditar que estava no caminho certo.

- Encontro com Liria

A entrevista da Liria foi na pousada da qual a mesma é dona e mora atualmente. Ao chegar, Liria relaxava em uma rede da pequena varanda do seu quarto. Foi exatamente lá que escolheu permanecer para nossa entrevista. Tenho sempre o cuidado de respeitar a escolha do local, claro que sem deixar de lado boas condições de luz e som. Ao saber que seria entrevistada, sua irmã e uma amiga que estavam presentes a chamaram para “arrumá-la”. De onde estava pude ouvir muitas risadas. Depois de um tempo, Liria chegou já com outras roupas e óculos escuros. Ela me pareceu insegura ao perguntar se estava bem com o acessório. Como sempre, respondi que o importante para mim é que ela estivesse confortável e se sentindo bem. Rapidamente a vi retirando os adereços e dizendo que estava melhor assim. A entrevista aconteceu de forma tranquila, no balanço da rede a conversa fluía.

- Encontro com Vânia

Vânia mora em um subdistrito da cidade de Ouro Preto. Engenho d’água fica aproximadamente a uma hora e meia de distância de Mariana, um lugar de estrada de terra,

natureza e alguns sítios e fazendas. Ao chegar fui recebida alegremente pelos seus cachorros Pipoca e Paçoca, Vânia e seu esposo Carlos. O café já estava sendo coado quando cheguei. O lugar que estávamos era lindo, com cavalos no campo, galinhas perambulando e pássaros cantando a todo tempo, uma verdadeira paz e por isso estava me sentindo muito bem e feliz, pensava silenciosamente em como este trabalho vinha me proporcionando boas experiências. Vânia fez questão de utilizar os banners do seu projeto como cenário da entrevista, as fotografias em preto e branco de pessoas grisalhas que a própria fotografou fizeram o fundo de sua imagem. Foi um momento especial onde ela pode relembrar diferentes fases de sua vida pessoal e profissional.

- Encontro com Débora

Para a gravação da entrevista Débora me recebeu em sua casa, preparou com carinho um cenário com flores, café e água, o que me pareceu deixá-la ainda mais confortável para a gravação. Por ser uma figura pública na cidade de Ouro Preto, Débora já está acostumada com o processo de entrevistas, por isso no início percebi que procurava responder de forma menos pessoal, ao poucos a entrevista foi se tornando menos formal. Foi a partir deste momento pude conhecer melhor a Débora fora dos palanques.

- Encontro com Vaneska

Vaneska foi a última entrevistada, ela vivia um momento confuso com a inauguração do seu café bar e mudança de casa e por isso sua agenda estava complicada. Estava feliz de ter conseguido separar um momento para a nossa conversa. O local escolhido por ela foi o Fellini, seu café bar cultural. Ao entrar fiquei admirada com cada detalhe da decoração. Em lugar pequeno, mas que parece ter sido pensado com muito carinho, as paredes foram cobertas de pôsteres de filmes e artistas icônicos e plantinha foram colocadas penduradas e colocada nas mesinhas de madeira, dando um ar de leveza. Vaneska quis montar um pequeno cenário com uma plantinha, livros e uma bebida em cima da mesa. Ali ela pode colocar um pouco da sua personalidade na cena enquadrada. Nossa conversa aconteceu de forma natural, a câmera se tornou apenas um objeto qualquer enquanto falávamos sobre nossas experiências. Vaneska lembrou momentos difíceis e compartilhou de opiniões importantes.

- Momento de encontro para a elaboração do manifesto

Após quebrar a cabeça pensando onde seria o melhor lugar para reunir todas aquelas mulheres incríveis, em meio a uma conversa com uma das participantes, a Vaneska, o destino me deu a dica. Vaneska estava no processo de montagem do seu café/bar na cidade de Ouro Preto, onde a grande maioria residia. Ao conhecer o local, tive ainda mais certeza de que seria lá. Apesar de pequeno, o Felinni, nome dado ao café por conta do famoso cineasta Federico Fellini, o espaço é extremamente acolhedor, cheio de livros, plantas e pôsteres na parede com imagens de personalidades que nas palavras da própria Vaneska “quebraram padrões de alguma maneira”.

Fiquei ansiosa pelo encontro durante toda a semana. Soube no dia do mesmo que dividia esta ansiedade com as entrevistadas. Vaneska contou ter tido até mesmo um sonho onde passava no curso de jornalismo. Às 5 horas da tarde estava tudo pronto. Minhas amigas Glauciene e Julia foram extremamente importantes no processo de montagem, suporte e gravação. Cintia e sua mãe, Célia, já estavam comigo aguardando. O lugar estava lindo. Vaneska havia encomendado como surpresa para o dia, pôsteres de temáticas feministas para a decoração. Como não tivemos tempo para colocá-los na parede, decidimos que ficariam espalhados pelas mesas.

Logo elas começaram a chegar. Recebi cada uma na porta com um grande abraço e as apresentei umas às outras. Pude observá-las conversando e se conhecendo. Para alguns aquele momento poderia parecer algo simples. Já aos meus olhos este encontro reuniu dentro de um único espaço as mulheres que fizeram do meu trabalho realidade.

Iniciei minha palavra contando um pouco da minha pesquisa, dividi informações as quais me deram embasamento para criar o projeto. Fui breve, meu desejo maior era ouvi-las. Cada uma dividiu de uma maneira diferente suas opiniões e experiências. Naquele momento senti nos olhares e comentários cumplicidade e empatia entre elas. Mulheres que acabaram de se conhecer, estavam abrindo seus corações umas para as outras. Mesmo com semblantes cansados de uma semana de muito trabalho, todas elas participaram ativamente, foram discutidos temas sobre corpo, preconceito, desigualdade, representatividade, beleza, tristeza, diferenças, lutas. A sensação naquele dia foi de realização.

Produções audiovisuais nascem de desejos diversos. Conhecer a origem dos mesmos contribui ainda mais na compreensão do produto concluído. Por isso será apresentado a seguir o contexto do qual este projeto surgiu.

3.1 Da vida para a tela

Após anos odiando a minha própria aparência e corpo, acreditava que minha vida começaria no momento em que me encaixasse nos padrões de beleza e comportamento contemplado socialmente. Compartilhei deste desejo com mulheres próximas e queridas por toda a adolescência. Durante esta busca, privei-me de muitas vivências e submeti-me a diversos procedimentos para alcançar o “corpo perfeito”. Aos 21 anos percebi que este corpo dito perfeito era inalcançável e que sempre existiriam lacunas a serem preenchidas dentre as características para me enquadrar no padrão. Neste momento de clareza busquei conhecimento para conseguir compreender o que havia de errado neste processo. Através do feminismo pude ter contato com estudos e movimentos sociais de perspectivas diversas sobre o tema. O *Body Positive* foi o principal deles, dentre os que eu conheci, a influenciar no desejo de desenvolver o produto aqui apresentado. Com os conceitos trabalhados pelo *Body Positive* compreendi a importância do processo da auto aceitação corporal e conheci a problemática coletiva do corpo e a sua acessibilidade em lugares públicos.

Ao adentrar no universo da auto aceitação corporal, por meio de mídias encontradas na internet, conheci o projeto *Eu Gorda*, criado pela fotógrafa Milena Paulina. Através deste projeto, a fotógrafa promove encontros de mulheres gordas em várias cidades do Brasil, quando são produzidos ensaios fotográficos, em sua maioria nus e seminus. O trabalho da Milena nasceu do desejo de representatividade, após se deparar com um ensaio fotográfico artístico de uma mulher gorda de corpo semelhante ao dela. Em 2018, tive o prazer de participar do coletivo que aconteceu em Belo Horizonte – MG. Antes de iniciar os ensaios, uma roda de conversa aconteceu e cada participante pôde então dividir suas vivências relacionadas ao corpo. Foi neste momento que pude compreender ainda melhor as diversas formas que a padronização da beleza pode afetar a vida de uma mulher e através de diferentes relatos percebi o quanto aquele trabalho era necessário e libertador.

O desejo compreendido em minha produção constitui o desenvolvimento de identificação por meio de relatos de diferentes mulheres, a fim de gerar sentimento de representatividade com o público, principalmente com aqueles invisibilizados pela mídia hegemônica, instigando uma reflexão quanto aos motivos e consequências da padronização dos corpos. Além de expor de forma incisiva a insatisfação diante da pressão estética e falta de representatividade vivida pelas mulheres no dia a dia.

Para isso fui em busca de entidades que abordassem pautas feministas levando em consideração que dentre elas estariam em discussão temas relacionados ao corpo. Conheci

através de uma amiga a *UBM – União Brasileiras de Mulheres*, uma entidade feminista nacional suprapartidária que trabalha em defesa das mulheres. Fundada em 1988, em um cenário de lutas das mulheres pela democratização do país, a entidade se tornou atuante na cidade de Ouro Preto em 2017. Composta por moradoras da cidade, a UBM se dedica a causas sociais das mulheres, promovendo atividades que contribuam no desenvolvimento do processo de independência da mulher em diferentes aspectos. Dentre as atividades propostas, estão às rodas de conversas que discutem diferentes assuntos relacionados à mulher. Após contato com a presidenta da *UBM- Ouro Preto*, Débora Queiroz, tive a chance de mediar uma roda de conversa com o tema “padrões de beleza” e fazer o meu convite às mulheres interessadas em participar do meu produto audiovisual. Este foi o momento em que encontrei duas das minhas sete fontes.

Levando em consideração a importância da representatividade de mulheres de diferentes experiências para este produto, foram feitos convites para participação também à pessoas específicas que conheci através da UBM e no meio universitário. Entre os convites feitos e aceitos estão: uma mulher trans, uma mulher lésbica, uma mulher negra, uma mulher com deficiência e uma mulher idosa. Todas as participantes passaram por um processo de pré-entrevista, através do qual apresentei a ideia do meu trabalho e conheci de forma mais aprofundada as opiniões e vivências de cada uma delas quanto ao tema.

Para Bill Nichols (2005) o filme documentário proporciona novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. É este o intuito principal deste produto, que novas visões da beleza feminina possam surgir a cada um que tiver contato com este trabalho. Durante o processo de pesquisa para o desenvolvimento do projeto, fui apresentada pela minha orientadora, Prof.^a Lara Linhalis, ao trabalho da cineasta Agnès Varda. O curta documentário *Réponse de femme* (Resposta das Mulheres, em tradução minha) foi em especial o norteador para a escolha do gênero da minha produção. Feito em 1975 para um programa televisivo, o curta traz um formato simples e direto, diferente do usual, onde mulheres de fisionomias e idades variadas respondem a questões relacionadas ao que é ser mulher.

Conhecer o trabalho documental de Varda me abriu os olhos para as possibilidades audiovisuais. Por isso, neste projeto, optei por trabalhar a combinação de diferentes estilos de documentário, que, para Nichols (2005), poderiam ser identificados como poético performático e participativo. O estilo poético foi escolhido por permitir que a estética do produto seja explorada com maior liberdade, assim como o modo performático foi escolhido por conta do manifesto a respeito dos padrões corporais, que foi interpretado

pelas entrevistadas. Por fim, o estilo participativo foi considerado importante para que existisse uma relação próxima entre entrevistadora e entrevistadas durante o processo, considerando que o tema aborda situações íntimas e o meu envolvimento como documentarista pode contribuir para melhores resultados.

As gravações das entrevistas foram feitas nos locais escolhidos pelas próprias personagens deste documentário. Deixar com que escolhessem o lugar no qual gravaríamos foi uma medida estratégica para que elas se sentissem confortáveis, visto que além de uma entrevista longa, o diálogo levou a assuntos muito pessoais e íntimos. Com isso, foi possível trazer um pouco da personalidade de cada personagem, a exemplo dos sentidos que são acessados através dos cenários escolhidos, e proporcionar tranquilidade no momento da entrevista por estarem em um lugar com o qual elas se identificavam. Foram utilizadas nas gravações duas câmeras DSLR com tripé, sendo uma posicionada lateralmente e outra de frente para a entrevistada, que utilizava um microfone lapela. Houve também o momento de encontro entre todas as personagens, promovido por mim com colaboração da Vaneska, uma das participantes e proprietária do café-bar Fellini, onde a reunião ocorreu. O encontro teve o intuito de apresentá-las umas às outras e promover um debate sobre o tema, o que, ao fim, gerou um dos principais materiais utilizado na escrita do manifesto que em outro momento seria recitado pelas mesmas e capturado para uso deste documentário. Neste dia, contei também com a colaboração de duas amigas do curso, a Julia Massa e a Glauciene Oliveira, que capturaram os momentos da reunião, cada uma com uma câmera DSLR. O áudio foi gravado por meio de dois gravadores posicionados estrategicamente na mesa ao redor da qual estavam sentadas as personagens. Por fim, uma DSLR com lente aberta foi posicionada no tripé de maneira que enquadrasse a todas na cena.

Para entender a escolha do manifesto como ferramenta de expressão neste documentário, é preciso compreender sua definição e origem. Segundo o dicionário, o manifesto é uma declaração que “transmite intenções, opiniões, decisões ou ideias políticas, particulares a uma pessoa ou a um grupo de pessoas” (AURÉLIO, 2018). No entanto, a definição dada pelo dicionário, não é suficiente para compreender a força que o gênero textual possui, levando em consideração o histórico do seu uso.

Seu surgimento se deu no final do século XVI, em países de língua francesa. Já no século XVII, se tornou popular também em outras línguas (BORTULUCCE, 2015, p 6). Segundo Bortulucce (2015), o grande diferencial do estilo textual aconteceu durante a Revolução Francesa, quando o povo se tornou autor da escrita, o transformando em um

documento revolucionário. Hoje podemos considerar que o manifesto tem o poder de, ao declarar publicamente insatisfações e desejos coletivos, chamar atenção para a necessidade de mudanças e conseqüentemente provocar a ação (BORTULUCCE, 2015, p 6). Desta maneira, o manifesto foi escolhido para expressar a insatisfação e infelicidade das mulheres diante da pressão estética para se enquadrar nos padrões de beleza femininos, se tornando um grande grito de basta, além de chamar a atenção também das mulheres para a importância da união no combate a essa e outros tipos de opressão as quais sofremos.

Para a escrita do texto do manifesto, utilizei como base minhas experiências e opiniões pessoais combinadas à pesquisa teórica deste trabalho, e, principalmente, as informações obtidas através das entrevistas e do encontro com as personagens deste documentário. A grande inspiração na produção de um texto poético veio de poemas escritos e apresentados por mulheres em campeonatos de *slam*, no qual tive acesso por meio de vídeos da plataforma *Youtube*.

Os encontros de performances poéticas chamados de *slam*, de acordo Neves (2017), tiveram seu início na cidade de Chicago, em 1984, através de Marc Kelly Smith. A princípio, os poetas, chamados também de *slammers*, se apresentavam em um bar de jazz da cidade. Aos poucos as apresentações tomaram conta das periferias e hoje o slam é conhecido mundialmente (NEVES, 2017, p 93).

Em 2008, a slammer Roberta D’Alva trouxe os campeonatos de poesia para o Brasil ao fundar *ZAP! Slamem São Paulo*, afirma Neves (2017), que explica sobre o movimento:

[...]competições ou batalhas de poesias que dão vez e voz a poetas da periferia, os quais versam sobre as adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, sempre de teor crítico e engajado, que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público- ouvinte.(NEVES, 2017, p 92).

Nos campeonatos, as performances geralmente são avaliadas por jurados escolhidos da plateia no momento do evento. Para além do texto, que deve ser autoral, é avaliado também o desempenho nos gestos, entonação e fala dos *slammers* (NEVES, 2017, p 99).

As apresentações que assisti me impactaram de uma maneira única, acendendo um desejo pelo mesmo efeito por meio do manifesto escrito para este documentário. O trabalho de mulheres como Tawane Theodoro, Paulina Turra, Laura Conceição e Kimani serviram como referência para que isso acontecesse.

Antes do dia da gravação do manifesto, o texto foi enviado via *Whatsapp* para todas as personagens, para que comentários, críticas e melhorias fossem feitos a fim de contemplar as vozes participantes. O resultado foi o seguinte:

Manifesto

Antes mesmo de nascer,
já temos regras a aprender:
Menina usa rosa!
Menina é vaidosa!

Nosso corpo vira pauta,
e nunca está na moda.
Gorda demais,
Crespo demais,
Velha demais,
Alta demais,
Pequeno demais,
Mole demais.

Nunca estão satisfeitos,
sempre inventam mais um defeito.
O padrão é caro,
O capitalismo é amargo.
Quer se enquadrar?
Então vai ter que pagar.

Chega!
Estamos cansadas,
essa corrida nunca acaba.
Estica, alisa, empina, depila.
E no espelho, o que fica?
A propaganda manda eu me amar,
mas cadê alguém na mídia pra me representar?

Exijo o direito de escolher,
o que é bonito ao meu ver.
Nossa beleza foi posta à mesa,
sem direito a defesa.
Essa opressão não vai mais servir de manipulação.
Porque somos fortes, estamos juntas, de peito aberto para a luta.

Que os privilégios sejam compartilhados,
Para a mulher negra, trans, gorda, lésbica ou com deficiência que nada seja privado.

E nem venha me dizer que isso é papo de mal-amada.
Porque amor aqui, meu bem, é mato.
E mata! Todo esse preconceito que você carrega.
Amor a mim mesma, sem mais nenhuma incerteza sobre a minha beleza.

Mulher, você é linda do jeito que é.
Suas marcas contam sua história,
Você carrega no corpo toda a sua memória,
Se valorize, você merece.

Mulher bonita é mulher livre
Mulher bonita é mulher feliz

Então me dá a mão e vamos em frente,
Porque as lutas são muitas, mas o caminho é um só.
Nossa união faz a força, uma sobe e puxa a outra.

A gravação foi feita também nos locais escolhidos pelas entrevistadas. No entanto, neste momento, utilizei como cenário apenas um fundo estruturado com uma arara de roupas e um tecido preto. Uma única câmera DSLR com microfone lapela acoplado capturou as entrevistadas recitando trechos do manifesto sob uma luz de led frontal. Foi necessário que o texto fosse escrito em um pequeno cartaz para a leitura durante as gravações.

O processo de escolhas de imagens e entrevistas que foram utilizadas na produção final foi feita por meio da decupagem de cada arquivo capturado. Uma planilha com dados dos trechos escolhidos foi criada para facilitar a escrita do roteiro, que foi desenvolvido através de três linhas narrativas, sendo elas: as entrevistas, o encontro coletivo e o manifesto. Para os cortes e montagem do trabalho, foi utilizado o *Adobe Premiere* como programa de edição e a finalização do roteiro para orientação.

3.2 Elementos do Roteiro

3.2.1 Ideia

A obra audiovisual *Múltiplas* é um manifesto que traz relatos e posicionamentos de diferentes mulheres a respeito da beleza feminina e dos padrões sociais que a permeiam.

3.2.2 Sinopse

Padrões estéticos disseminados na sociedade afetam de diferentes maneiras a todas as mulheres. A pressão estética proporcionada pela hegemonia midiática destes padrões, em sua maior parte, não acontece de forma explícita. Nesta obra, sete mulheres contam, por meio de entrevistas, suas experiências pessoais e opiniões relacionadas à beleza feminina ao longo de suas vidas. Cada uma das entrevistadas traz de formas distintas uma ruptura da idealização da mulher bonita, compartilhando suas insatisfações vividas pela pressão estética e promovendo um manifesto a favor da liberdade, da diversidade, e da beleza, em suas múltiplas manifestações.

3.2.3 Perfis das personagens

Através de um breve perfil, as sete mulheres convidadas a participarem como fonte neste documentário serão retratadas. As informações apresentadas foram obtidas por meio de pré-entrevistas.

- **Débora Queiroz** tem 37 anos, é natural de Nilópolis-RJ e há 10 anos mora em Ouro Preto-MG. Em sua infância vivenciou um cotidiano composto em sua maior parte por mulheres, quando seus pais se separaram e em sua casa permaneceram mãe e irmã. “Fui criada num ambiente de mulheres fortes e marcantes”, conta Débora ao citar também a sua avó. Formada em arquitetura na Universidade Federal Fluminense, descobriu nos estudos patrimoniais sua paixão, o que a levou a trabalhar no IPHAN. De personalidade forte e independente, Débora é extremamente organizada politicamente, sendo filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCDB), partido no qual representou nas últimas eleições. Sua experiência enquanto candidata a fez perceber uma lacuna na representação política de mulheres na cidade de Ouro Preto, levando-a a atuar como presidenta da União Brasileira de Mulheres de Ouro Preto.

Ao compartilhar algumas de suas lembranças, Débora conta sempre ter sido comparada à sua irmã: ela era a gordinha de cabelos crespos e a irmã a menina bonita de olhos claros e cabelos lisos. Já na infância foi levada por sua mãe para alisar o cabelo. “Chorei muito”, ela afirma ao contar sobre os produtos e as ferramentas utilizadas em um processo doloroso de alisamento. Aos 14, foi levada ao médico com o objetivo de emagrecimento, sentia-se vigiada ao comer e foi restrita de alguns alimentos na época. Fez uso de diversos remédios e dietas para emagrecer, entretanto nos últimos 10 anos vem vivendo o que ela chama de processo de construção, onde tomou consciência do seu corpo gordo e passou a se aceitar e a se respeitar: “O que eu aprendi nos últimos anos foi olhar no espelho e falar, eu sou bonita do jeito que sou”.

- **Vaneska Vianna** tem 38 anos, é natural de Caratinga – MG e mora em Ouro Preto há sete anos. É formada em filosofia e tem um filho de 14. Durante toda a infância sofreu com o *bullying*. “Era um inferno na escola”, esbraveja ao lembrar os momentos difíceis. A obesidade fez parte de toda a sua vida, tentou durante muitos anos diferentes maneiras de emagrecer, recorrendo até mesmo a laxantes e a indução do vômito. Optou então pela redução de estômago como solução: dos 140 kg chegou aos 65. Neste momento, devido à perda rápida de peso, passou a não se reconhecer e teve um agravamento da bipolaridade.

Viveu momentos intensos e difíceis durante os processos pós-operatórios. Aos poucos, Vaneska retomou um corpo no qual se sentia melhor e hoje se sente bem e valorizada. Em 2018 participou de um concurso de beleza, o Miss Plus Size-Minas Gerias, representando a cidade de Ouro Preto, no entanto Vaneska não se sentiu representada no evento e passou por um processo de grande autocrítica após a experiência, desenvolvendo uma opinião nova sobre estes tipos de disputa.

- **Líria Barros** tem 25 anos, é sagitariana e estudante de jornalismo na UFOP. Até aproximadamente seus 15 anos de idade era a sua mãe que escolhia as suas roupas. Apesar de não se sentir bem com as roupas que usava, Líria sentia-se influenciada pela expectativa do pensamento externo sobre como transmitir sua própria imagem. A ruptura deste momento vem quando ela passa a morar sozinha e decide raspar a cabeça. Líria passa se vestir como se sente bem, optando sempre pelo conforto e tendo preferência por roupas largas e coloridas. Suas mudanças a tornam uma mulher mais segura e apesar de vivenciar alguns preconceitos por conta de sua atual aparência, ela se sente mais feliz e bonita agora. Para Líria o importante é você se aceitar como é.

- **Thaynara Martins** tem 39 anos e é de Santa Bárbara-MG. Há oito anos mora em Mariana, cursa o último ano de pedagogia na UFOP e trabalha como condutora socorrista. Thaynara se reconheceu e se assumiu como mulher há dois anos. Por conta de sua posição social como mulher trans, não tem proximidade com a família, entretanto possui uma ótima relação com sua filha de 11 anos. Thaynara se veste da forma que se sente bem e tem o uso da maquiagem como ponto essencial na sua personalidade, porém sem propósito de esconder suas características. “Eu não permito que a sociedade me diga qual o meu lugar dentro dela”, enfatiza.

- **Sidneia Santos** tem 42 anos, nascida e criada na cidade de Ouro Preto - MG. A historiadora e pesquisadora tem atualmente como seu foco de trabalho o patrimônio afro ouro-pretano. Segundo Sidneia, a mulher negra é submetida ao longo da vida a diversos processos para caber dentro de padrões. Para ela, lembrar-se dos processos de alisamento é algo muito doloroso. Quando adolescente, estudava como bolsista em um colégio particular onde era a única menina negra de cabelos crespos. Nessa época, Sidneia se levantava mais cedo todas as manhãs para alisar o seu cabelo com um pente quente antes de ir para a aula. Ela afirma que a mulher negra foi e ainda é privada de muitas coisas. Dividindo lembranças

de momentos onde desistiu de ir a lugares por se sentir feia, Sidneia conta que além de alisar o cabelo, diversas cores de roupas eram “proibidas” a fim de que pudesse passar despercebida. Segundo ela, era raro encontrar publicidades com as quais se identificasse e relembra um único produto que sua mãe utilizava nos cabelos que continha uma mulher negra na embalagem.

- **Cintia Soares** tem 19 anos e é de São Domingos da Prata - MG. Atualmente mora em Mariana onde cursa o 2º período de Jornalismo na UFOP. Ela nasceu com paralisia cerebral motora e sua condição nunca foi uma questão em sua vida, já que teve sempre ao seu lado sua mãe a explicando e orientando as situações. Cintia entende a paralisia como parte de quem ela é e por isso acha importante falar sobre o assunto. Relembrando alguns momentos, ela conta que passou por cobranças para que fosse mais “ vaidosa”, pois para as pessoas que a cobravam seria importante para o disfarce do transtorno. No entanto Cintia se sente bonita do jeito que é.

- **Vânia Rodrigues** tem 60 anos é formada em arquitetura e mora em Engenho d'Água, distrito de Ouro Preto. Para ela, o processo de envelhecimento é muito difícil, principalmente para mulher. Ela passou a questionar sua identidade no momento em que refletiu sobre o ato de pintar seus cabelos brancos, sendo algo que nunca gostou de fazer. Quando parou de pintar os cabelos brancos, passou a se sentir muito bem. “Envelhecer é normal!” afirma Vânia ao contar sobre seu projeto no qual é fotógrafa: “O Embaúba Projeto Fotográfico visa fotografar pessoas, de todos os gêneros, que usam os cabelos prateados e pretende valorizar a importância dos grisalhos na formação de uma sociedade e contribuir para o desenvolvimento da consciência da igualdade de direitos, inclusive o direito de envelhecer naturalmente”. Vânia produz também uma linha de produtos e cosméticos naturais e artesanais chamada Eu sou EMBAÚBA que, segundo ela, “Além de ajudar a viabilizar o projeto, a linha de cosméticos vem sinalizar uma preocupação com o bem-estar pessoal, um cuidado com o meio ambiente, sem aditivos químicos, apenas conservantes e antioxidantes naturais.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda a história da humanidade até os dias atuais, mulheres enfrentam diferentes tipos e formas de opressão, entre elas está à pressão estética ocorrida por conta da padronização dos corpos. Os motivos que fizeram e fazem com que tal opressão aconteça tem origens históricas que envolvem principalmente o patriarcalismo, o machismo, o capitalismo e a mídia. Diversas são as formas e consequências com que as mulheres são atingidas por conta da pressão vivida pelas mesmas para alcançar determinados padrões estéticos, como, por exemplo, o desenvolvimento de distúrbios alimentares ou doenças como a depressão.

Faz pouco tempo que o assunto vem sendo abordado de formas diferentes às aquelas convencionais, levando em consideração todo o contexto histórico aqui citado. Logo, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a desconstrução dos conceitos machistas tenha fim. Levando em consideração a carga de responsabilidade que a mídia possui na afirmação e até mesmo criação destes conceitos, em especial dos padrões de beleza femininos, materiais que tensionam este processo tornam-se muito importantes na criação de novas formas de se compreender a mulher e a sua beleza. Desta maneira, ao trazer representatividade, fomentar um debate crítico e levantar questões sobre a beleza feminina e seus padrões, o produto audiovisual aqui apresentado potencialmente alimenta um espaço ainda carente na mídia, colaborando para um desenvolvimento saudável da sociedade, em especial das mulheres inseridas nela. Visando também a colaboração para o meio acadêmico, a produção destaca um tema importante que envolve diretamente os meios de comunicação. Além disso, como futura profissional e atual pesquisadora em comunicação social este trabalho me fez compreender a importância e o poder que as produções midiáticas tem em colaborar para um mundo melhor.

O resultado de todo o trabalho realizado na criação do produto apresentado, foi um material sincero e verdadeiro, onde mulheres expuseram suas fragilidades, inseguranças, histórias de vida, lutas, insatisfações e principalmente a grande força para enfrentar todas as opressões vividas. O propósito é fornecer aos espectadores informações para o desenvolvimento de seus próprios questionamentos a respeito dos conceitos de beleza socialmente disseminados, além de promover a identificações, em especial entre as mulheres, diante das vivências compartilhadas pelas participantes, para que percebam que, de alguma maneira, todas nós somos afetadas. Por fim, este trabalho é um grito de basta a

toda opressão que vivemos e um chamado a todas as mulheres que se sentiram contempladas a seguirem nesta mesma luta.

REFERÊNCIAS

BARROS, Márcia Andrea da Silva. A RELAÇÃO DOS PADRÕES DE BELEZA COM A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA MULHER. **Revista Presença**, [S.l.], v. 3, n. 9, p. 36-59, dec. 2017. ISSN 2447-1534. Disponível em: <<http://revistapresenca.celsolisboa.edu.br/index.php/numerohum/article/view/131>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida. **São Paulo: Difusão europeia do livro**, v. 2, 1967, p.9-11.

BORIS, Georges Daniel, JanjaBloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012 Acesso em: 4 de out de 2018.

COLOGNESE, S. A., & Melo, J. L. B. (1998). A técnica de entrevista na pesquisa social. *Cadernos de Sociologia*, 9(4), 143-160.

DURAN, Érika Rodrigues Simões. **A linguagem da animação como Instrumental de ensino**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes e Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Rio de Janeiro: PUC Rio, 2010.

[EMOLDURAR]. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: [url da palavra]. Acesso em: 26/06/2019.

ESPIRO SANTO, Claudia Coimbra ; FIGUEIREDO , Renata. Seis Meses da União Brasileira de Mulheres UBM Ouro Preto. **1º Jornal Informativo da UBM de Ouro Preto MG**, Ouro Preto, p. 1-4, 1 nov. 2017. Disponível em: https://issuu.com/debora_queiroz/docs/jornal_ubm_01. Acesso em: 22 jun. 2019

FONSECA, Marilda Da et al. Um corpo é um corpo: discursos e narrativas do movimento Body Positive. 2018.

FONTES, Malu. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Contemporânea.**, Cachoeira, v.4, n.1, p.117-136, Junh.2006. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3482/2539>. Acesso em: 8 de out de 2018.

GÓES, Laércio Torres. Contra-hegemonia e internet: Gramsci e a mídia alternativa dos movimentos sociais na web. 2007.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em movimento**, v. 2, n. 2, p. 115-123, 2006.

HAMPE, Barry. Escrevendo um documentário. **NUPPAG-Núcleo de Pesquisa e Produção Audiovisual em Geografia-IGCE-UNESP/Rio Claro**, 1997.

HECK, Ana Paula; NUNES, Máira de Souza. Publicidade e gênero: análise do fenômeno femvertising na criação de campanhas. In: **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 11p.

LANGNER, Ariane; ZULIANI, C. S.; MENDONÇA, Fernanda. O Movimento Feminista e o Ativismo Digital: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online. In: **3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos na Sociedade em Rede e V Congresso Iberoamericano de Investigadores e Docentes de Direito e Informática**. 2015. p. 3-12.

LEAL, Virginia Costa Lima Verde et al. O corpo, a cirurgia estética e a saúde coletiva: um estudo de caso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 77-86, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63012432009> Acesso em: 8 de out de 2018.

LEVIN, Tatiana. A cinescrita de "Agnès Varda": a subjetividade incorporada ao campo do documentário. 2011

[MANIFESTO]. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: [url da palavra]. Acesso em: 26/06/2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papyrus Editora, 2005.

NOVAES, Joana V.; VILHENA, Junia de. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 9-36, jun. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 jun. 2019.

PERUZZO, Cicilia **Observação participante e pesquisa-ação**. IN: DUARTE, J. (2005). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. Atlas.

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. **DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 6, p. 173-190, 2009.

PAULINA, Milena. **Olhar de Paulina**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://olhardepaulina.com/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

RAMOS, Emerson Erivan Araújo. **Imagem da mulher na mídia e direito à comunicação: reflexões a partir da reprodução dos estereótipos de gênero**. in: **direitos, gênero e movimentos sociais i: congresso nacional do conpedi**, 2014, João Pessoa-PB. **Anais [...]**. João Pessoa-PB: CONPEDI, 2014. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/publicacao/ufpb/livro.php?gt=233>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SILVA, Flávia Gonçalves. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural**. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, jun. 2009. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 jun. 2019.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso. Discurso Midiático, Consumo e Construção da Subjetividade. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 5, n. 2, p. 181-187, 2015.

SILVA, Raquel Salles; SOARES, Isaak Newton. A Visibilidade e a Representatividade do Corpo Feminino na Publicidade. *In: INTERCOM SUL*, 2018, Cascavel-PR. **XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL [...]**. Cascavel-PR: [s. n.], 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0667-1.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SOUZA, CAROLINA. **BODY POSITIVE – ESTUDO DE CASO NAS MÍDIAS DIGITAIS**. Orientador: Prof.^a Dr.^a. Heloísa de Sá Nobriga. 2019. 42 f. Tra (ESPECIALIZAÇÃO EM ESTÉTICA E GESTÃO DA MODA) - ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2019. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moda/monografias/TCC%20CORPO-Carolina%20Du.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

SOUSA, Rita Mota. **Filme: “Réponse de femmes: Notre corps, notre sexe” – Agnès Varda**. [S. l.], 7 out. 2012. Disponível em: <https://gdd.jur.puc-rio.br/filme-reponse-de-femmes-notre-corps-notre-sexe-agnes-varda/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SCHULTHEISZ, Thais Sisti De Vincenzo; APRILE, Maria Rita. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, v. 5, n. 1, 2015.

VEIGA, Ana Maria. Gênero e cinema, uma história de teorias e desafios. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 1355-1357, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000301355&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 jun. 2019.

WOLF, Naomi. O mito da Beleza. *In: WOLF, Naomi. O mito da Beleza*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018, p.25-38.

APÊNDICE

Roteiro

CENA 1: Apresentação entrevistadas

Interna/**Débora** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3099 00:05:58 a 00:06:04

OFF entrevista com **Cintia**

Vídeo MVI_2924

00:05:21 a 00:05:25: Meu nome é Cintia, eu tenho 20 anos e curso jornalismo.

Interna/**Líria** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3109 00:02:14 a 00:02:19

OFF entrevista com **Vaneska**

Vídeo MVI_2971.MOV

00:01:15 a 00:01:32 : Meu nome é Vaneska, tenho quase 40 anos, sou filosofa e hoje me dedico a cozinha.

Interna/**Sidneia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3102.MOV 00:01:31 a 00:01:41

OFF entrevista com **Débora**

Vídeo MVI_2988

00:01:28 a 00:01:48 : Sou Débora Queiroz, tenho 37 anos, sou arquiteta e urbanista.

Interna/**Vânia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3093.MOV 00:02:13 a 00:02:23

OFF entrevista **Líria**

Vídeo MVI_2983

00:01:56 a 00:02:01: Meu nome é Líria, tenho 25 anos e eu estudo jornalismo.

Interna/**Vaneska** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3103.MOV 00:01:56 a 00:02:04

OFF entrevista **Thaynara**

Vídeo MVI_2917.MOV

00:00:17 a 00:00:35 : Eu sou a Thaynara, tenho 39 anos e sou estudante de pedagogia na UFOP.

Interna/**Cintia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3090 00:02:19 a 00:02:28

OFF entrevista **Vania**

Vídeo MVI_2953

00:00:29 a 00:00:39: Eu sou Vania Rodrigues, sou arquiteta, fotógrafa e tenho quase 61 anos já.

Interna/**Thaynara** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3095.MOV 00:00:46 a 00:01:02

OFF entrevista **Sidneia**

Vídeo MVI_2914

00:01:50 a 00:01:58 Eu sou Vania Rodrigues, sou arquiteta, fotógrafa e tenho quase 61 anos já.

CENA 2: Entre tela preta com letreiro: “Múltiplas”.

CENA 3:Imagens da chegada das personagens no encontro do café e imagens de bastidores do encontro. Som ambiente.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Produção coletiva do manifesto, Café Bar Fellini, Ouro Preto -MG ”.

CENA 4: Débora se prepara para recitar manifesto.

Interna/**Débora** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3099

00:05:06 a 00:05:10:

Débora: Pode ir agora?

Stefanny: Fica à vontade.

CENA 5:Entrevista com **Débora** - Infância

Interna /Débora sentada em uma cadeira, ao lado uma mesa com flores, um copo de água e uma xícara.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Débora Queiroz”.

Vídeo MVI_2988.MOV

00:05:10 a 00:05:54: Quando eu vejo uma criança que tá não tá se sentindo bem consigo mesmo isso até hoje me me abala, né? Recentemente passei por isso, né: No Santa Cruz a gente desenvolve um trabalho.

Vídeo MVI_3160 (Câmera lateral)

00:05:44 a 00:06:58: e aí eu cheguei e tinha acabado de fazer escova no cabelo meu cabelo, tava bem liso e tal. E aí entro na casa da menina e a menina me abraçou e falou assim “eu queria ter o cabelo igual o seu”.

Vídeo MVI_2988.MOV

00:07:23 a 00:08:54:

E ela é negra né, uma menina negra e eu falei “Não, mas seu cabelo é lindo do jeito que é! Você é bonita do jeito que você é”. Porque eu acho que era o que eu queria ter ouvido quando eu era criança né? E não ouvi, então quando eu vejo uma criança assim acho que é o mínimo que eu posso fazer.

CENA 6: Sidneia se prepara para recitar manifesto.

Interna/**Sidneia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3102.MOV

00:00:13 a 00:00:18:

Stefanny: Quando você se sentir bem ai, vamos lá.

Sidneia suspira.

CENA 7: Entrevista **Sidneia** - Infância

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Sidneia Santos”.

Vídeo MVI_2914

00:03:20 a 00:04:22: Quando era criança, meu cabelo é crespo né? E minha mãe costumava fazer, ela dividia meu cabelo ao meio e costumava fazer duas trancinhas assim. Então ficava um cabelo trançado com duas tranças bem evidentes. E não raras as vezes que eu era chamada de nega do cabelo duro, de cabelo de bombril. É, pegavam, puxavam, as vezes numa brincadeira outras crianças pegavam e puxava as minhas tranças. Isso na infância foi que mais me marcou. Foi a questão da textura do meu cabelo incomodar tanta gente. Hoje eu consigo falar disso com mais tranquilidade, mas quando você é criança é chocante. E aí você olha o seu redor as crianças são brancas, tem cabelo liso, e você tem a pele preta e tem o cabelo crespo e ser associados por exemplo ao cabelo de bombril, “ah, o seu cabelo não é bom”, né? Naquele momento como é que eu entendeu que era o cabelo bom? Meu cabelo é ótimo! meu cabelo é maravilhoso! É minha identidade!

CENA 8: Thaynara se prepara para recitar manifesto.

Interna/**Thaynara** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3095.MOV 00:00:07 a 00:00:09

Thaynara: Já pode começar?

Stefanny: Pode!

CENA 9:Entrevista **Thaynara** - Infância

Externa / Thaynara sentada em um banco de madeira, ao fundo jardim arborizado.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Thaynara Martins”.

Vídeo MVI_2917

00:01:00 a 00:2:20: Quando eu apanhei a primeira vez porque eu me senti uma menina, me vestia como menina e maquiava, eu comecei a controlar vigiar o meu próprio corpo. Então assim, o medo de apanhar sempre me fazia ainda tem aquelas atitudes de menino. Então minha infância praticamente, foi uma infância muito vigiada, muito controlada. Mas eu apanhava sim, toda vez que eu tentava sair fora dos padrões, né? Da normatividade.

CENA 10: Vânia se prepara para recitar manifesto.

Interna/**Vânia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3093.MOV 00:00:59 a 00:00:02

Vânia: Cêta gravando?

Stefanny: Tô

CENA 11: Entrevista **Vânia** - Infância

Interna/ Vânia sentada em uma cadeira, banners com pequenas fotografias em preto e branco de pessoas grisalhas.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Vânia Rodrigues”.

Vídeo MVI_2953.MOV

00:01:33 a 00:02:22: Eu era muito magra e meu apelido é evidentemente dentro da minha casa era Olívia Palito, eu tinha muito cabelo também isso também eraera motivo de bullying.

Vídeo MVI_2926.MOV(câmera lateral)

00:01:33 a 00:02:22: Naquela época isso não era considerado, não era questionado, nem muito menos protegido.

Vídeo MVI_2953.MOV

00:01:33 a 00:02:22: Então isso faz a gente ficar muito, me fez ficar muito tímida, né? Muito insegura porque era uma dificuldade, né? Era o medo de não ser aceita exatamente por isso, né?

CENA 12: Vaneska se prepara para recitar manifesto.

Interna/**Vaneska** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3103.MOV 00:00:29 a 00:00:31

Vaneska: Que horas eu posso começar?

Stefanny: A hora que você quiser

CENA 13: Entrevista **Vaneska** - Infância difícil, foi agredida por ser gorda.

Interna/ Vaneska sentada em um banco, ao lado uma mesa com livros, um vaso de planta e um copo com uma bebida laranja.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Vaneska Vianna”.

Vídeo MVI_2971.MOV

00:02:03 a 00:02:38: Quando eu era criança foi uma fase muito difícil para mim porque eu já era uma criança gorda então eu sofri muito preconceito na escola, né?

Vídeo MVI_3150.MOV Câmera lateral

00:09:26 a 00:10:04: E teve um dia que juntou uma turma de meninos para me bater porque eu era gorda e usava óculos, entendeu?

Vídeo MVI_2971.MOV

00:09:36 a 00:10:04: Eles quebraram meu óculos e me bateram e tomaram o meu brinquedo que eu tinha levado, e foi horrível.

CENA 14: Lória se prepara para recitar manifesto.

Interna/**Lória** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3109 00:00:01 a 00:00:03

Lória: Tá gravando né?

Stefanny: Uhum

CENA 15: Entrevista **Lória** - Episódio com papai Noel quando criança

Externa/ Lória sentada em uma rede azul em uma varanda de paredes brancas.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Lória Barros”.

Vídeo MVI_2984

00:09:41 a 00:10:40: Tem um episódio, assim de novinha, sabe? Bem novinha, assim, lá nos 10 anos de idade. Eu tinha cabelo grande liso e tal só que eu tava com uma blusa larga e um short de praia longo, sabe? Assim, tipo até mais o joelho, assim um pouco mais abaixo do joelho, azul, era azul e branco. Eu lembro. Aí era natal, velho. Aí eu tava tipo passando no supermercado, tava minha avó meus primos, aí o Papai Noel parou e falou assim “menino de cabelo grande”. Falou assim comigo, sabe? A minha avó “É menina! É menina!”, e ficou super sem graça ali, eu fiquei tipo assim “vei, o que ta acontecendo?”. Sabe? Uma coisa que eu estava super de boa, normal ali do jeito que eu era e tipo o papai noel vem e fala isso comigo, sabe?

CENA 16: Cíntia se prepara para recitar manifesto.

Interna/Cíntia em plano fechado em fundo preto

Video MVI_3090 00:01:51 a 00:01:54

Stefanny: Você vai olhar pra câmera e vai falar.

CENA 17: Entrevista Cíntia - Desfile

Interna / Cintia sentada na cama com parede branca de fundo.

Entre letreiro (GC) depois de 3 segundos: “Cíntia Soares”..

Vídeo MVI_2925

00:04:35 a 00:06:38: Eu desfilei no dia do estudante que era na minha escola, eles né? A princípio acharam meio que um equívoco eu querer desfilar, por causa da deficiência, aí falaram assim “ah, como você vai desfilar” e eu falei “vou dar meu jeito”.

Vídeo MVI_2919 (câmera lateral)

00:01:32 a 00:03:51: Só que no dia que a gente foi conhecer a passarela viu que não tinham pensado em mim. Era uma passarela alta sem nenhum apoio lateral, né, e toda aberta.

Vídeo MVI_2925

00:04:35 a 00:06:38: E eu falei “mãe, eu já ensaiei, eu fiz tudo. Eu quero ir, entendeu? Eu preciso ir.” que era uma questão que se eu não fosse era como se os outros meninos com deficiência também não pudessem e eu queria mostrar que a gente pode ir, né? E aí eu fui falei que queria ir aí minha mãe buscou um jeito, falou assim “Ah, põe ela para desfilar na frente da passarela então, no tapete, no chão”.

Vídeo MVI_2916 (câmera lateral)

00:04:45 a 00:05:48: Só que aí o meu irmão achou aquilo muito ruim, né? Meio que um preconceito velado, porque tá ela tá participando, mas ela tem que participar diferente dos outros?

Vídeo MVI_2925

00:08:45 a 00:10:23: E aí no último dia, no dia do desfile o meu irmão que não tinha ensaiado, não tinha feito nada, subiu comigo para que eu pudesse desfilar em cima da passarela e não no chão tapete.

CENA 18: Trecho do encontro

Interna/Momentos e detalhes do encontro. Som ambiente.

Interna/Stefanny lê trecho do seu trabalho para entrevistadas.

Vídeo MVI_0266

00:00:24 a 00:00:48: Para vocês entenderem um pouquinho os motivos que me levaram a escolher esse tema. Eu coloquei assim. Após anos odiando a minha própria aparência e corpo, acreditava que minha vida começaria no momento em que me encaixasse nos padrões de beleza e comportamento contemplado socialmente. Compartilhei deste desejo com mulheres próximas e queridas por toda a adolescência.

CENA 19: Entrevista **Sidneia** - Adolescência

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Vídeo MVI_2914

00:04:25 a 00:05:24: A adolescência vem com essa carga também, né? Dessa questão social de te obrigar a seguir um padrão. Então a minha mãe até hoje ela tem em casa ferramenta, que a gente chama de ferramenta de tortura hoje, que é o famoso pente quente. Aquele pente que você aquecia no fogão para alisar o cabelo. Então, não raras as vezes eu ia para escola com a testa um pouco marcada por que minha aula começa às 7, às 6 horas eu já tava lá esticando o cabelo. E o dia que tava frio, chuvoso, nublado, tava um dia úmido. Então alisava para sair, a hora que voltava o cabelo tava armado de novo. E lidar com essas questões, né? Porque não tinha por exemplo produtos para cabelo crespo, era sempre liso perfeito. Os shampoos, condicionadores não eram feitos para cabelos de pessoas negras.

CENA 20: Entrevista **Vaneska** - Adolescência e bulimia

Interna/ Vaneska sentada em um banco, ao lado uma mesa com livros, um vaso de planta e um copo com uma bebida laranja.

Vídeo MVI_2971.MOV

00:06:52 a 00:07:31: A adolescência é uma fase muito difícil para todo mundo e para uma adolescente obeso, ele tem muito mais dificuldade, né? Ele tem muito mais crise, então na minha adolescência, por exemplo, né? Começou uma fase muito depressiva e eu tinha necessidade de emagrecer e não conseguia, então eu tomava remédio, eu vomitava sem parar, né? Começou a uma crise de bulimia que se estendeu até a vida adulta.

CENA 21: Entrevista **Líria** - Adolescência

Externa/ Líria sentada em uma rede azul em uma varanda de paredes brancas.

Vídeo MVI_2983

00:05:12 a 00:05:48: Eu não preocupava muito com a aparência quando era mais jovem. Assim, tipo, não era uma coisa. Até começar a crescer pelo, sabe? Quando começou, menstruou, cresceu pelo. Aí véi, é um caminho assim, tipo, “você virou mulher”.

Vídeo MVI_3154 (câmera lateral)

00:06:59 a 00:07:43

Começaram cobranças, é. De tem que usar maquiagem, tem que usar vestido, tem que fazer esse tipo de coisa, sabe? Tipo, ir em festa, você tem que fazer chapinha. Tipo, meu cabelo é liso, velho! Eu falava pra moça “não precisa fazer”, Tipo, “por que você tá fazendo chapinha?”, sabe?

CENA 22: Entrevista **Cíntia** - Não sabe porque pessoas olham.

Interna / Cíntia sentada na cama com parede branca de fundo.

Vídeo MVI_2924

00:11:00 a 00:11:44: Eu sempre penso assim, eu acho que para gente que tem algum tipo de deficiência a gente nunca sabe se a pessoa tá olhando para gente porque a gente é bonita ou é porque a gente tem algum tipo de deficiência e quer perguntar.

Vídeo MVI_2916 Câmera lateral

00:14:29 a 00:14:37: Se quiser perguntar vai perguntar eu vou responder tranquilo porque é uma coisa minha que eu não escondo mas eu sei que para outras pessoas é difícil até para se relacionar.

CENA 23: Entrevista **Vânia** - Era comparada as irmãs

Interna/ Vânia sentada em uma cadeira, banners com pequenas fotografias em preto e branco de pessoas grisalhas.

Vídeo MVI_2953.MOV

00:04:54 a 00:05:09 : Na minha casa eu era a inteligente, né? Eu tinha uma irmã que era a bonita, essa outra irmã que era a simpática, então eu era a inteligente. Os rótulos que colocam na gente, né?

Vídeo MVI_2926.MOV Camera lateral

00:12:22 a 00:12:35: Eu sempre busquei ser mais alternativas, ser um pouco fora do padrão, que eu achava que isso era interessante. Porque eu achava que, isso eu sabia, eu sabia que não era dentro desse padrão bonitinho, arrumadinho. Loirinha do olho azul, né?

CENA 24: Entrevista **Thaynara** - Se sentir bonita na adolescência.

Externa / Thaynara sentada em um banco de madeira, ao fundo jardim arborizado.

Vídeo MVI_2917

00:09:39 a 00:09:54: Sempre gostei na minha vida de pintar os olhos, sempre me achei uma pessoa bonita como hoje eu vejo. Cê abre o olhar né?

Vídeo MVI_2912 Câmera lateral

00:09:57 a 00:10:12: Tinha aquela coisa de que. Eu era agredida nas palavras, né? Que isso é coisa de bicha, isso é coisa de viado.

Vídeo MVI_2917

00:10:10 a 00:11:00: Então eu evitava muito de fazer isso e me apresentar como eu era, então eu sinceramente acredito que eu não vivi essa coisa desse padrão de me achar bonita, né? Eu só viviavivia em um sonho de um dia eu consegui ser eu. Sinceramente a minha vida começa mesmo depois de adulta.

CENA 25: Entrevista **Débora** - Comparada a irmã

Interna /Débora sentada em uma cadeira, ao lado uma mesa com flores, um copo de água e uma xícara.

Vídeo MVI_2988.MOV

00:06:16 a 00:06:53: Era muito assim, eu era inteligente, a minha irmã era bonitinha. Isso também foi ruim tanto pra ela, quanto pra mim, né?

Vídeo MVI_3160.MOV (câmera lateral)

00:06:42 a 00:07:00: Então eu sempre fui assim “aí, a Débora é a inteligente”, na hora de apresentar, “Débora é a inteligente” a Suzana, que a minha irmã, era a bonitinha, a espevitada, a que gosta de dançar, né?

Vídeo MVI_2988.MOV

00:07:31 a 00:07:56: Então eu acho que eu não me achava bonita não.

CENA 26: Entrevista **Sidneia** - Representatividade na adolescência

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Entra letreiro (GC) depois de 29 segundos: Naomi Camobell é uma super modelo e atriz britânica negra.

Vídeo MVI_2914

00:08:20 a 00:09:31: Eu tinha entrado no curso de teatro aqui em Ouro Preto e nesse curso eu não tinha nenhuma maquiagem adequada para minha pele da turma toda. A gente, éramos dois negros eu e o menino Lázaro e a gente não tinha maquiagem que se adequasse a nossa pele. E um dos nossos professores, é o saudoso Raul Belém Machado, ele um dia chegou assim soltando foguetes e a gente olhou aquilo “agora eu tenho a base e um pó compacto que dá para vocês” porque a Boticário tinha lançado uma base e um pó compacto com a linha Naomi Campbell. Então assim, isso era 1994, que o Brasil começou a pensar que pessoas negras precisavam de maquiagem para pele preta.

CENA 27: Trecho do encontro

Externa/Local do encontro. Som ambiente.

Interna/Momentos e detalhes do encontro. Som ambiente.

CENA 28: Entrevista **Cíntia** - Representatividade

Interna / Cintia sentada na cama com parede branca de fundo.

Vídeo MVI_2925

00:10:00 a 00:10:07: É necessário, né? Você se ver em alguém para você querer se alguém.

Vídeo MVI_2919 Câmera lateral

00:07:05 a 00:07:10 Eu acho que representatividade independente se feminina masculina é muito importante sim.

Vídeo MVI_2924

00:07:52 a 00:08:09: Porque igual no meu caso, eu faço jornalismo e eu sei que tem uma jornalista que usa cadeira de roda no Fantástico. Então é uma coisa que eu fico “Não, se ela

pode, eu também posso”, se ela conseguiu chegar no Fantástico, eu também chego onde eu quiser.

CENA 29: Entrevista **Thaynara** - Representatividade na mídia

Externa / Thaynara sentada em um banco de madeira, ao fundo jardim arborizado.

Entra letreiro (GC) depois de 30 segundos: Patrícia Araujo foi uma atriz e modelo transexual brasileira.

Vídeo MVI_2919

00:06:42 a 00:07:19: Quando eu conheci a primeira vez, já no ano 2000, com o advento da internet, o que que era uma travesti, o que era uma transexual. Eu vi as fotos, sim, elas representavam. Eu me envia nelas, né? Eu falava, essas mulheres são, né? É eu! Nessas mulheres. A Patrícia Araújo, infelizmente faleceu recentemente, né? De depressão. A Patrícia Araújo era um desses reconhece que eu tinha.

Vídeo MVI_2913 (câmera lateral)

00:06:33 a 00:06:48 Atualmente não, eu não tenho padrões de dizer “olha, essa mulher me marca, essa mulher é um ícone pra mim”. Não, hoje, atualmente não tenho isso

CENA 30: Entrevista **Líria** - Representatividade Shena

Externa/ Líria sentada em uma rede azul em uma varanda de paredes brancas.

Entra letreiro (GC) depois de 25 segundos: Xena: A princesa guerreira é uma serie de televisão apresentada no Brasil nos anos 90.

Video MVI_2983

00:08:51 a 00:09:01: Eu lembro muito de Xena, A Princesa Guerreira. Nossa eu baixei todos os episódios, assistir tudo, adorava.

MVI_3154 Câmera lateral

00:10:21 a 00:10:34: É tipo uma mulher fora do padrão, sabe? Isso com certeza, por que tipo, ela vivia no meio do mato, sabe? Tipo, que mulher vive no meio do mato, sozinha, desbravando os deuses?

Video MVI_2983

00:09:55 a 00:10:02: É luta, sabe? Tipo, lutar para caralho. Ela derrotava todo mundo, ela era invencível, véi.

CENA 31: Entrevista **Débora** - Representatividade

Interna /Débora sentada em uma cadeira, ao lado uma mesa com flores, um copo de água e uma xícara.

Vídeo MVI_2989.MOV

00:03:52 a 00:04:44: Não, hoje eu não me sinto bem representada. Mas eu acredito que há um processo de abertura e esse processo da representatividade ele é importante. A mídia nos representa totalmente hoje? Não.

Vídeo MVI_3160(camera lateral)

00:16:51 a 00:17:34: Mas já há peças publicitárias que inserem mulheres negras, mulheres gordas, mulheres deficientes, mulheres todos os tipos de corpo. Já há um avanço.

Vídeo MVI_2989.MOV

00:06:23 a 00:07:38: O que me preocupa é dentro desses próprios, digamos, padrão, foras do padrão. Você construir padrões. É isso que me preocupa, então assim, amanhã você vai ser a gorda padrão. Então “ah, só pode fazer propaganda com a gorda, se for uma gorda nesse modelo”

CENA 32: Trecho do encontro

Interna/Momentos e detalhes do encontro. Som ambiente.

CENA 33: Entrevista **Vaneska** - Pressão estética

Interna/ Vaneska sentada em um banco, ao lado uma mesa com livros, um vaso de planta e um copo com uma bebida laranja.

Vídeo MVI_2971.MOV

00:07:53 a 00:08:45 : Eu acho que não conseguir emagrecer, tentar emagrecer e não consegui emagrecer, sabe? É uma coisa muito difícil.

planta e um copo com uma bebida laranja.

Vídeo MVI_3151.MOV (camera lateral)

00:05:06 a 00:05:14:Então é pesado, é você tentartentar e não conseguir, né?

Vídeo MVI_2971.MOV

00:09:49 a 00:10:28 : A pressão da sociedade é uma coisa que eu acho que a gente tem que pensar.

CENA 34: Entrevista **Vânia** - Pressão de ser jovem

Interna/ Vânia sentada em uma cadeira, banners com pequenas fotografias em preto e branco de pessoas grisalhas.

Vídeo MVI_2955.MOV

00:01:00 a 00:03:24 É o medo de envelhecer, né? Essa pressão, eu acho também, vem também um pouco da, é um pouco agressivo, mas é a mulher objeto de consumo do homem. Né? Porque ela tem que ser novinha, né? Ela tem que sempre parecer mais nova para satisfazer. Eu acho que é uma coisa que tá muito incutida na cabeça da mulher isso, né?

Vídeo MVI_2927 (câmera lateral)

00:18:46 a 00:19:08 E aí faz com que a mulher não tenha o direito de envelhecer, né? Porque ela tem que parecer mais nova, tem que parecer mais jovem.

CENA 35: Entrevista **Sidneia** - Pressão vivida pela mulher negra

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Vídeo MVI_2915

00:06:20 a 00:07:05: Ainda hoje a gente vivesse pressão de você é negra, você tem que ser gostosa, você tem que saber sambar, você tem que rebolar, né? Se você é negra de pele clara você sofre um tipo de pressão, se sua pele é um tom de escuro médio você sofre outro tipo de pressão, se sua pele é retinta você sofre outro tipo de pressão. E a cobrança em cima da gente é sempre muito maior.

CENA 36: Entrevista **Thaynara** - Pressão vivida pela mulher trans

Externa / Thaynara sentada em um banco de madeira, ao fundo jardim arborizado.

Vídeo MVI_2918

00:06:11 a 00:07:06 Às pessoas que nos cercam, uma sociedade em geral, elas não estão preparadas. Elas ainda não conseguiram entender que cada ser humano é subjetivo, cada ser humano é singular, cada ser humano é o quê ele sente no seu bem-estar, na sua forma. Então tem que ser do jeito, eu já fui cobrada de que para eu ser mulher eu tenho que fazer cirurgia, mas eu não tenho interesse de fazer essa coisa, entendeu?

CENA 37: Entrevista **Cíntia** - Pressão para se arrumar por ser cadeirante.

Interna / Cintia sentada na cama com parede branca de fundo.

Vídeo MVI_2925

00:01:33 a 00:02:23: Fica aquela pressão, né? “Ah, você já é cadeirante, vai ser jogada?”. Às vezes a pessoa não é largada, às vezes ela tá bem com ela assim, bonitinha com a calça

dela, sem maquiagem, e as pessoas acham que a gente tem que ser outra pessoa, pra ver se encaixa ali naquela coisa porque já tem a deficiência. Como se isso fosse uma coisa ruim e ser uma pessoa deficiente não é ruim.

CENA 38: Trecho do encontro

Externa/Local do encontro. Som ambiente.

Interna/Momentos e detalhes do encontro. Som ambiente.

Interna/Stefanny lê trecho do seu trabalho para entrevistadas.

Vídeo MVI_0266

00:09:11 a 00:09:17: A falta de diversidade na mídia gera invisibilidade e até mesmo um repúdio social diante de corpos dissonantes.

CENA 39: Entrevista **Débora** - Questões materiais das privações

Interna /Débora sentada em uma cadeira, ao lado uma mesa com flores, um copo de água e uma xícara.

Vídeo MVI_2990.MOV

00:00:32 a 00:01:21: Eu acho que o debate da subjetividade ele é muito importante, mas os aspectos materiais devem ser considerados e são eles que são os principais. Então, por exemplo, para mim uma mulher gorda não poder passar uma roleta isso é um aspecto material que afeta o subjetivo, mas ele é material.

CENA 40: Entrevista **Vaneska** - Privação de acesso a lugares e emprego

Interna/ Vaneska sentada em um banco, ao lado uma mesa com livros, um vaso de planta e um copo com uma bebida laranja.

Vídeo MVI_2971.MOV

00:11:18 a 00:11:56: O corpo, depois de todas as tentativas de emagrecer, ele foi só crescendo, eu fui só engordando, só engordando até chegar um cento e quase 150 Kg.

Vídeo MVI_3150.MOV (Camera lateral)

00:18:16 a 00:19:56: Então, aí nessa hora que você vê realmente o que que é difícil, o que é dificuldade, né?

Vídeo MVI_2971.MOV

00:13:12 a 00:13:49: Você vê realmente o quanto as pessoas são preconceituosas e quanto o espaço da cidade não foi feito para você.

CENA 41: Entrevista **Thaynara** - Privação

Externa / Thaynara sentada em um banco de madeira, ao fundo jardim arborizado.

Vídeo MVI_2918

00:11:01 a 00:11:21 Eu me privo muito por essas coisas, minha perna ser muito grossa e eu não consigo me ver assim com um short ou uma saia curta. Então eu só uso uma saia mas longa, um vestido mais longo.

CENA 42: Entrevista **Líria** - Vergonha do corpo

Externa/ Líria sentada em uma rede azul em uma varanda de paredes brancas.

Vídeo MVI_2985

00:02:02 a 00:02:22: Já tive, já tive muita vergonha do meu corpo. E às vezes tenho também, sabe? Assim, eu acho que como mulher assim tipo a gente é muito julgada o tempo todo, eu sempre achei.

CENA 43: Entrevista **Sidneia** - Privação

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Vídeo MVI_2915

00:08:59 a 00:09:35: A gente vive numa cidade que não tem praia, não tem mar, mas tem muita cachoeira, tem muito rio e quantas vezes a gente tinha vergonha de chegar nesses espaços e usar o maiô, um biquíni. E aí às vezes não é por causa da celulite, é porque a gente é negro.

CENA 44: Entrevista **Cíntia** - Pressão para se arrumar por ser cadeirante.

Interna / Cintia sentada na cama com parede branca de fundo.

Vídeo MVI_2925

00:03:32 a 00:04:22: Assim, a gente sabe que as pessoas, né? Logicamente criticam e tal até e silenciosamente, mas o meu caso eu nunca me privei por exemplo de colocar um short porque eu tenho uma deficiência, talvez a minhas coxas ou a minha perna não vai agradar o resto do mundo. Não, eu coloco e se tá incomodando ou se não tá eu to lá com a minha roupa, então é uma coisa que eu não me privei. Agora privar mesmo, privou por causa da deficiência, o preconceito das pessoas por acharem que eu não deveria fazer tal coisa, tá em tal lugar, mas também eu sempre falei eu vou tá.

CENA 45: Interna/Vaneska falar sobre a necessidade de falar de padrões.

Vídeo MVI_3195.MOV

00:00:18 a 00:00:41: Falar de padrão é necessário, porque a gente vive numa sociedade excludente, é óbvio. Estamos todas aqui já sofridas, magoadas e felizes também. Superadas, cada uma de uma forma.

Trecho do encontro Débora e Sidneia comentam sobre pintar e alisar o cabelo.

Interna/Débora fala sobre corpos diversos.

Vídeo MVI_3226.MOV

00:00:00 a 00:00:13

CENA 46: Entrevista **Vânia** - Pintar o cabelo branco

Interna/ Vânia sentada em uma cadeira, banners com pequenas fotografias em preto e branco de pessoas grisalhas.

Vídeo MVI_2955.MOV

00:05:27 a 00:06:59 : Quando eu era adolescente ou mais nova e tal, eu sempre achava que eu nunca ia pintar o cabelo, né? Era uma coisa que não passava na minha ideia, mas, como eu falei eu entrei para arquitetura com 40 anos, né? Foi exatamente o momento que começaram a aparecer meus cabelos brancos, né? E tal, com as colegas mais novas.

Vídeo MVI_2955.MOV (camera lateral)

00:11:25 a 00:11:57: E aí foi quando eu resolvi parar foi uma sensação, foi para mim como se eu tivesse me resgatando, porque realmente essa era eu mesma.

Vídeo MVI_2928 (câmera lateral)

00:05:27 a 00:06:59 :Teve uma amiga que falou “não me venha com a ditadura do branco agora” né? “Então agora todo mundo tem que parar de pintar o cabelo”.

Vídeo MVI_2955.MOV

00:14:40 a 00:15:39 : Não é por aí, não é fazer agora uma bandeira de que “agora todas as mulheres parem de pintar o cabelo”. Não, mas é para que deixe de ser uma obrigação para ser uma opção.

CENA 47: Entrevista **Líria** - Raspar o cabelo

Externa/ Líria sentada em uma rede azul em uma varanda de paredes brancas.

Vídeo MVI_2984

00:03:13 a 00:03:47: Eu acho que foi quando eu raspei o cabelo assim, que foi uma parada assim que me deu uma empoderada, sabe? Eu falava “eu posso ser o que eu quiser”, sabe? Tipo, foi aquilo de tentar me descobrir assim total

Vídeo MVI_3155 (câmera lateral):

00:05:54: E me descobrir de uma forma maravilhosa. Eu me olhava no espelho e falava “velho, porque eu não fiz isso antes?”

Vídeo MVI_2984

00:05:12 a 00:06:33: É igual pular tipo uma água fria mesmo, assim levar um banho de água fria de Cachoeira, mais fria possível. Dá muito frio na barriga, mas depois você sai aí tipo você tá pleno e sereno, ta perfeito.

CENA 48: Entrevista **Sidneia** - Somos diferentes

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Vídeo MVI_2916

00:01:40 a 00:02:44: A grande questão que tem que haver respeito né e sobretudo a grande que segue a cor da sua pele não pode determinar seu lugar social isso não dá mais mas não país invadido pelos europeus colonizaram a 500 anos é assustador quando a gente vê né Depois dessa última eleição para presidente ranking todas as máscaras caíram Então tá muito visível tá muito explícito o tamanho do preconceito no Brasil

CENA 49: Trecho do encontro

Interna/Thaynara fala no encontro

Vídeo MVI_3199.MOV

00:00:34 a 00:00:47: Nós estamos juntos, negros e trans estamos sempre buscando essa visibilidade, lutando por essa visibilidade.

Interna/Stefanny fala sobre os motivos do encontro

Vídeo MVI_2998

00:00:38 a 00:01:23

Esse encontro foi principalmente para vocês se conhecerem, porque vocês são mulheres muito incríveis e eu achava que precisava colocar vocês juntas e tem a questão do manifesto que eu falei com todas vocês.

Interna/Sidnéia fala sobre corpos diferentes

Vídeo MVI_0298

00:00:00 a 00:00:07

Nós somos mulheres diversas, com nossos corpos diversos e isso tem que ser respeitado.

CENA 50: Entrevista **Débora** - O que o corpo representa

Interna /Débora sentada em uma cadeira, ao lado uma mesa com flores, um copo de água e uma xícara.

Vídeo MVI_2991.MOV

00:01:00 a 00:02:12: Hoje eu olho para o meu corpo e é memória, a história, trajetória. É a marca de tudo que eu vivi.

CENA 51: Entrevista **Vaneska** - O que o corpo representa

Interna/ Vaneska sentada em um banco, ao lado uma mesa com livros, um vaso de planta e um copo com uma bebida laranja.

Vídeo MVI_2973.MOV

00:06:58 a 00:07:23: O meu corpo, ele é ele é o meu instrumento para viver. Ele não é um cabide.

CENA 52: Entrevista **Thaynara** - O que o corpo representa

Externa / Thaynara sentada em um banco de madeira, ao fundo jardim arborizado.

Vídeo MVI_2920

00:03:18 a 00:04:18: E o significado hoje do meu corpo diz assim, liberdade.

CENA 53:Entrevista **Sidneia** - O que o corpo representa

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Vídeo MVI_2916

00:03:33 a 00:04:12: Hoje eu estou muito feliz do jeito que eu sou. Eu não mudaria nada no meu corpo, porque o meu corpo carrega minha história, meus cabelos brancos carregam uma história, minhas estrias, minhas celulites ela carregam parte da minha também. Então, demorou 43 voltas ao sol para ficar dizer que eu tô.

CENA 54: Entrevista **Cíntia** - O que é beleza

Interna / Cintia sentada na cama com parede branca de fundo.

Vídeo MVI_2926

00:00:45 a 00:01:09: Beleza, eu acho que a pessoa se sentir bem com você mesmo, né? Porque você pode ser uma pessoa linda por fora, mas por dentro se você for uma pessoa amarga, uma pessoa triste, você vai transparecer triste. Não é uma maquiagem que vai fazer você ficar bonita, não é um acessório. É a luz que tá vindo de você, é o que você transmite.

CENA 55: Entrevista Vânia - O que é beleza

Interna/ Vânia sentada em uma cadeira, banners com pequenas fotografias em preto e branco de pessoas grisalhas.

Vídeo MVI_2955.MOV

00:08:53 a 00:09:17: Ah beleza são as belezas são muitas, né? Então a beleza eu acho que traz um pouco da consciência, porque é a beleza é a consciência da diferença, né? Você consegue ver beleza naquilo que é diferente do que você espera né.

CENA 56: Entrevista Lília -O que é beleza

Externa/ Lília sentada em uma rede azul em uma varanda de paredes brancas.

Vídeo MVI_2985

00:04:55 a 00:05:07: Ah, beleza é você ser quem você é. De verdade, todo mundo é diferente, eu acho que quanto mais diferente mundo ficar mais bonito ele vai ficar.

CENA 57: Entrevista Débora -O que é beleza

Interna /Débora sentada em uma cadeira, ao lado uma mesa com flores, um copo de água e uma xícara.

Vídeo MVI_2991.MOV

00:04:49 a 00:06:24: Beleza pra mim é tá bem, é se sentir bem.

CENA 58: Entrevista Vaneska - O que é beleza

Interna/ Vaneska sentada em um banco, ao lado uma mesa com livros, um vaso de planta e um copo com uma bebida laranja.

Vídeo MVI_2973.MOV

00:07:34 a 00:07:54: Beleza é coisa efêmera, mas que cada um tem. Todo mundo tem.

CENA 59: Entrevista Thaynara - O que é beleza

Externa / Thaynara sentada em um banco de madeira, ao fundo jardim arborizado.

Vídeo MVI_2919

00:00:06 a 00:00:51: A beleza é ser você, beleza é você ser natural, é você colocar uma roupa que você se sente à vontade, se sente bem. E sair e andar no meio das pessoas, não ficar nas margens, mas se inserir no centro.

CENA 60:Entrevista **Sidneia** - O que é beleza

Externa / Sidneia sentada em um banco de madeira. Ao fundo diferentes plantas.

Vídeo MVI_2916

00:05:30 a 00:06:39: Beleza eu acho que você olhar para você mesmo e ficar feliz, sabe? Não só com a imagem que se reflete no espelho, mas com a imagem que você reflete dentro de você mesmo.

CENA 61: Manifesto

Interna/**Cíntia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3090

00:02:12 a 00:02:19: Antes mesmo de nascer, já temos regras a aprender. Menina usa rosa, menina é vaidosa.

Interna/**Vânia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3093.MOV

00:01:36 a 00:01:50: Nosso corpo entra em pauta e nunca está na moda. Gordas demais, crespo demais, pequeno demais, velha demais, mole demais.

Interna/**Thaynara** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3095.MOV

00:00:34 a 00:00:46: Nunca estão satisfeitos, sempre inventam mais um defeito. O padrão é caro, o capitalismo é amargo. Quer se enquadrar? Então vai ter que pagar.

Interna/**Vaneska** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3103.MOV

00:01:35 a 00:01:56: Chega! Estamos cansadas, essa corrida nunca acaba. Estica, alisa, empina, depila. E no espelho, o que fica? A propaganda manda eu me amar, mas cadê alguém na mídia pra me representar?

Interna/**Débora** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3099

00:05:28 a 00:05:49: Exijo o direito de escolher, o que é bonito ao meu ver. Nossa beleza foi posta a mesa, sem direito a defesa. Essa opressão não vai mais servir de manipulação. Porque somos fortes, estamos juntas, de peito aberto para a luta.

Interna/**Sidneia** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3102.MOV

00:00:56 a 00:01:24 Que os privilégios sejam compartilhados. Para a mulher negra, trans, gorda, lésbica ou com deficiência que nada seja privado. E nem venha me dizer que isso é papo de mal amada, porque amor aqui é mato e mata todo esse preconceito que você carrega. Amor a mim mesma, sem mais nenhuma incerteza sobre a minha beleza.

Interna/**Líria** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3109

00:01:57 a 00:02:08: Mulher, você é linda do jeito que é. Suas marcas contam sua história, você carrega no corpo toda a sua memória. Se valorize, você merece.

Interna/**Stefanny** em plano fechado em fundo preto

Vídeo MVI_3110.MOV

00:00:08 a 00:00:24 Mulher bonita é mulher livre, mulher bonita é mulher feliz. Então me dá a mão e vamos em frente, porque as lutas são muitas, mas o caminho é um só. Nossa união faz a força uma sobe e puxa a outra.

CENA 62: Tela preta, sobre os créditos.

CENA 63: Texto final

CENA 64: Entra logos UFOP e ICOSA